



Quer namorar ou não?



ANTOLOGIA
APAIXONADOS

CHRISTINE KING

Quer
namorar
omigo?

CHRISTINE KING

Copyright © 2020 - Christine King

Capa: **Mellody Ryu**
Revisão: **Eveline Knychala**
Diagramação: **Denilia Carneiro**

1ª Edição

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[SINOPSE](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[EPÍGRAFE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO FINAL](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[CONHEÇA MEUS OUTROS LIVROS:](#)

SINOPSE

“Ele era o sonho de toda garota: muito alto, dono de uma beleza espetacular, uns ombros largos que podiam me carregar por quilômetros, mãos protetoras e o sorriso mais lindo do mundo.

Ele era o meu grandão. O meu melhor amigo, que amava ver as estrelas comigo, e me ouvir declamar poesia.

Eu? Eu era apenas a baixinha, a sua melhor amiga estabonada, que um dia ele esqueceu, e que sempre o amou em segredo.

Ele foi embora e se tornou rico e famoso. E eu? Eu apenas fiquei...

Anos depois, somos adultos, e um belo dia, ele aparece de volta na minha vida, como se o destino quisesse nos dar um recado: vocês precisam se reencontrar.

A sorte estava lançada”

“Quer namorar comigo?” é uma comédia romântica leve, divertida e muito apaixonante.

Com um hot de tirar o fôlego, passagens emocionantes e uma história para esquentar corações.

Um conto de Christine King.

CONTÊM CENAS DE SEXO IMPRÓPRIAS PARA MENORES.

NOTA DA AUTORA

Olá, caros leitores!

É com grande alegria que venho falar para vocês um pouco do meu novo trabalho. Um conto super delícia!

“Quer namorar comigo” é uma daquelas histórias gostosas para ler rápido e sentir o coração aquecido.

Tentei dar aos personagens todo o calor e ternura que eles merecem, e embora a história deles seja um tanto breve, é cheia de intensidade e carisma.

Preparem-se para ler um hot super gostoso, com o tema de melhores amigos que se reencontram muito anos depois, e simplesmente agora tem uma paixão mal resolvida para vivenciarem.

Por ser uma comédia romântica, preparem-se também para alguns momentos hilários!

A história tem traços de informalidade no texto, e alguns usos de gírias, para que a fluidez seja mantida e haja uma sensação de coloquialidade.

Espero que gostem!

Obrigada pela chance que estão me dando!

Boa leitura! Fiquem com Deus!

Christine King

AGRADECIMENTOS

Deus sempre em primeiro lugar.

Quero agradecer à minha família, ao meu esposo companheiro de todas as horas, às amigas que me ajudaram com tudo nesse livro, verdadeiros anjos em minha vida: Eveline Knychala, Mellody Ryu, Jéssica Larissa, Pry Olivier, Natália Dias.

Só vocês sabem o quanto são importantes para mim. Esse livro não existiria sem vocês.

Obrigada queridas moderadoras das luxuosas da Christine King pela ajuda e doçura de sempre.

Obrigadas meninas que me auxiliam com a assessoria. O que seria de mim sem vocês?

Obrigada amadas leitoras por estarem comigo aqui, acompanhando-me.

Só amor e gratidão a todos vocês.

Deus os abençoe.

Com amor, Christine King.

EPÍGRAFE

Duvida da luz dos astros,
De que o sol tenha calor,
Duvida até da verdade,
Mas confia em meu amor.

William Shakespeare , Hamlet, tradução de Millôr Fernandes



PRÓLOGO

*"Você é a única, garota
Você sabe que é verdade
Estou me sentindo mais jovem
Toda vez que estou sozinho com você"
How Would You Feel, Ed Sheeran*

SÃO PAULO, 2014

— Reinaldo, por favor, pare de comer duas pizzas com dois litros de Coca- cola em vez de almoçar — ralhei, tentando soar séria, ajeitando as hastes dos meus óculos.

O diabo lindo sorriu, e era, é claro, um sorriso lindo também.

Nunca iria dizer para o Rei que ele era o rei absoluto do meu coração perdido.

Rei: esse era o apelido dele. Não podia ser mais perfeito.

E ele realmente tinha um rosto de *deuso*. Um rosto moreno de queixo quadrado e forte, os cabelos muito lisos e castanhos sempre sensualmente desalinhados, e um nariz reto e aristocrático daquelas estátuas perfeitas que nos deixam sem ar.

E para coroar aquele reinado de beleza, ele também tinha aqueles olhos escuros e penetrante que arrepiavam.

Demorei o olhar um instante na boca grande e sexy que me dava um sorriso cínico.

Ele era o rei do meu tesão todinho também.

Por fim ele se serviu de um pedaço de pizza.

— Incomoda-se? — perguntou, enquanto se servia, sorrindo com ironia.

— É pela sua saúde, oras bolas!

— Acha que vou morrer de tanto comer pizza com Coca- cola e vai ser minha viúva que chorará minha falta? —ele brincou e aquilo de me chamar de viúva me emputecia de um jeito terrível.

E magoava também.

Porque eu sabia que era apenas uma amiga para ele, e me perguntei mais uma vez se ele sabia dos meus sentimentos. A raiva era uma arma diante de minha insegurança.

— Algo assim, tirando a parte da viúva. *Fast food* mata, sabia? E se matar é coisa de idiotas, grandão.

Ele deu uma risada em resposta, limpando-se com o guardanapo e depois apoiando o braço na mesa, segurando o queixo com a mão e me analisando enquanto acariciava a barba por fazer com o polegar, com o olhar muito escuro e estreitado que me deixava sem ar.

— Está bem, Raio. Eu não quero ser um idiota. Raio de Luar não seria amiga de uma idiota.

Só ele para dizer meu nome de *hippie* maluco com o qual fui batizada com aquela gentileza, sem rir de mim. É por isso que eu o adorava.

Era por isso que eu o amava em segredo.

— Não, eu não seria sua amiga se você fosse um idiota, grandão.

Ele sorriu de canto daquele modo que me derretia.

— Está bem. Agradeço sua preocupação, Raio. Vou ver o que faço. Com certeza minha mãe brigaria comigo por comer mal. Vamos comer algo diferente da próxima vez. Bom que te levo em lugares diferentes além do shopping para almoçar.

— Não sou sua mãe, Rei — falei, emburrada, mexendo no meu pedaço de pizza de calabresa da *Pizza Hut*, sempre frustrada por ser confundida com alguma coisa não sexual na vida dele.

Reinaldo sempre ria da minha cara quando me levava para comer pizza. Eram sempre duas pizzas grandes.

Duas fatias para mim com um copo de Coca. E todo o resto para ele. Já era um ritual maligno.

A quantidade de comida que ele comia era enorme, enquanto eu comia como um passarinho.

Como todo esportista gigante, ele tinha uma fome de leão.

Até naquilo a gente era diferente. Uma tampinha e um poste, andando juntos chutando o que víamos pelo chão.

Ele mais calado, eu falando pelos cotovelos todas as besteiras que me vinham pela cabeça.

De todo modo, eu me preocupava com ele.

Ele não tinha mais mãe há algum tempo, e o pai trabalhava o dia inteiro, então, Reinaldo gostava quando eu e minha mãe cozinhávamos para ele, e acho que deveríamos começar a procurar restaurantes legais. Ou quem sabe poderia trazer marmitas para comer com ele.

Poderíamos então almoçar no gramado da escola ou do ginásio esportivo, enquanto Reinaldo esperava o treino do basquete e eu minhas aulas de inglês que também ganhara bolsa.

Sim, eu era a *nerd* bolsista em uma escola de ricos.

E depois de comer a pizza, é claro, fomos para o Ibirapuera pegar o fim da tarde.

Ficávamos horas lá. Ele ouvindo os rocks dele, e eu minhas músicas antigas e meus forró, e às vezes, eu me deitava em sua barriga durinha, durinha, aquele sonho de tanquinho...

E então ríamos de tudo, falando tudo o que vinha por nossa cabeça maluca de adolescentes. Sonhos, anseios, gostos estranhos

Mas naquele momento teríamos prova no dia seguinte. Aproveitaríamos para estudar debaixo das árvores.

Eu sempre o ajudava a tirar notas melhores. Ele não tinha muito tempo para estudar, pois era um esportista dedicado...Isso quando não estava com ela, com Natasha...

Ele estava saindo com ele há quase 3 meses, e um momento como aquele entre e eu ele começava a rarear, mas não queria dizer que estava sentindo ciúmes de Rei.

Estava distraída agora lendo por prazer, vendo um livro de estudos sobre Shakespeare. Quase escurecia.

Eu adorava poesia.

Estava bastante concentrada chupando um pirulito lentamente enquanto lia, quando senti ele roubar o pirulito de mim e colocar em sua própria boca.

Olhei aquilo e ruborizei quase em seguida, engolindo em seco: Reinaldo lambendo o pirulito rosado e o sugando depois.

Era erótico. Não queria pensar naquela palavra, mas era, e não conseguia tirar os olhos de sua boca.

Era assim todas vezes, aquela estranha e escura sensação dentro de mim, martelando em meu coração e me fazendo ofegar, vendo aquele olhar dele de tirar o fôlego.

O semblante dele naqueles momentos era absolutamente indizível, mas algo em mim às vezes se perguntava se ele não sentia o mesmo que eu.

Tínhamos aquela estranha mania de roubar pirulitos um do outro, e mais um monte de intimidades esquisitas que eu não queria parar para pensar por que aconteciam.

A amizade explicava, é claro, e nunca quis dizer para ele o que sentia nessas horas.

— Te peguei mais uma vez, distraída — falou enquanto deitava seu imenso e gostoso corpo na grama, e seu peito amplo subia e descia, e ele me dava um daqueles olhares misteriosos.

Senti um pequeno estremecimento.

Às vezes, ele me olhava de uma forma tão intensa que eu ficava atônita, sem saber o que sentia... *Será?*

Mas não poderia. Eu era apenas a Raio de Luar. Uma garota bem, bem sem gracinha, tanto que Natasha não estava nem aí pra mim quando eu andava com Reinaldo, e antes, as zilhares de garotas que ele chegou a beijar na minha frente e que se pudesse passavam o dia penduradas nele.

Eu era sexualmente inofensiva. Podia importar como amiga, mas era insignificante como mulher.

Rei então tirou o pirulito de sua boca e me deu novamente, provocando meus lábios antes, fazendo-me sorrir e aceitar, e passei a chupar devagar, sentindo o gosto doce de saliva de sua boca.

— Isso, boa menina — ele brincou, rindo e voltando a se deitar.

O olhar que ele estava me dando era de causar arrepios.

Por fim, Rei pegou meu livro sobre Shakespeare do meu colo, para me aborrecer.

— O que está lendo, tampinha? — perguntou, franzindo o cenho tentando ler diante do céu que escurecia. — Deixe-me ver aqui sua leitura da vez. Hum. Shakespeare?

Sorri. Era o estudo de um trecho de Hamlet.

— *“Duvida da luz dos astros,*

De que o sol tenha calor,

Duvida até da verdade,

Mas confia em meu amor”

Declamei devagar. Ele sorriu e me devolveu o livro.

— Está romântica hoje, Raio. É um belo poema.

— É sim — falei suspirando, olhando as árvores, e o olhei sem graça sorrindo, sem saber o que responder, mudando de assunto em seguida, vendo que finalmente havia anoitecido.

Às vezes, ele me ouvia declamar minhas poesias com tanta paciência, e eu era tão agradecida por isso...Não era fácil ouvir.

Ele me ouvia com a mesma paciência que eu tinha com aquela sua guitarra que enchia o saco, mas eu adorava ouvi-lo cantar. Rei cantava bem, e tinha uma voz linda.

É claro que isso só colaborava para as mulheres ficarem mais malucas por ele ainda.

Eu não entendia por que Rei gostava de mim, mas, estranhamente, eu sentia que ele gostava. E era isso o que mais me doía : ele gostava de mim.

Eu não havia me iludido. Eu era importante para Reinaldo.

Talvez porque eu era a melhor massagista do mundo com o óleo de arnica de minha mãe, que vivia cheia de dores, tadinha.

Aquilo me tornara uma excelente massagista, ter de ajudar minha mãe com sua artrite. E logo minha fama se espalhou pela escola entre o pessoal da liga juvenil de basquete que vivia louco por massagem.

Nem Natasha tinha ciúmes quando eu massageava o Rei. Quem ia ter ciúmes de uma moleca sem graça de rabo de cavalo e roupas folgadas como eu?

Até eu a massageava também. Ela também era da liga de basquete feminino.

Putá Merda. Eu massageava a namorada do *cara* que eu gostava! Nota zero para mim!

Claro, eu era uma burra mesmo, sempre servindo de empregada para alguém, especialmente para Reinaldo.

Eu era a ouvinte, a cozinheira, a que fazia as tarefas, a que não o deixava beber, a que ia aos shows com ele porque Natasha odiava rock...A que entendia sua dura rotina de esportista e o ajudava na escola e entendia a cobrança de seu pai para que ele fosse um sucesso em tudo.

E eu adorava cada minuto que passávamos juntos, a verdade era essa.

Mas só gostava de massagear Reinaldo, e depois expliquei que minhas mãos de fada, que ele pegava e beijava brincando, como um cavalheiro, eram só para ele.

E nada era mais torturante que massagear aquele corpo grande e gostoso de jogador de basquete que ele tinha, e perceber que ele não sentia absolutamente nada erótico por mim...

Ficava lá, vendo seus músculos desenvolvidos se mexerem sob minhas mãos, as costas fortes, a cintura estreita, as pernas musculosas, os pés lindos e enormes, e ouvindo seus gemidos de quem estava adorando o que eu estava fazendo...

Aqueles gemidos que pareciam sexuais me incomodavam horrores, especialmente depois de tê-lo visto tantas vezes de sunga e saber o quão grande era aquele pacote.

Eu não era santa. Como queria morder aquele corpo todo, especialmente aquela bunda!

Aliás, aquele homem era todo grande. Um corpo incrivelmente forte e musculoso para um cara de 19 anos, e totalmente diferente do meu corpo *mignon* de 17.

O maldito era uma tentação.

Aaaaaah....Desgraça!

Ainda lembro dele brincando comigo:

— Raio de Luar, você tem mágica nas mãos, minha baixinha...

Minha baixinha... Ele sempre me chamava assim, e brincava bagunçando meus cabelos.

Mas o que eu mais gostava é quando ele me chamava de *baby*..

E foi exatamente disso que ele me chamou quando me convidou para se deitar em seu peito ali no Ibirapuera, para ficarmos olhando as estrelas.

Olhei para aquele peito enorme, os ombros largos e os pelos que saiam da camiseta com dois botões abertos na gola.

Aquele peitoral e sua estatura sempre me intimidavam um pouco, mas também me atraíam como o diabo.

— Vem cá, *baby*... — sussurrou com aquela voz quente e grave que ele tinha, que agora era mais macia que seda. Seus olhos escuros me olhavam em expectativa, brilhantes. Infinitamente perturbadores.

Deixei que ele me confortasse no seu corpo daquela vez, e encostei minha cabeça no seu peitoral sem cerimônia, e aproveitei cada segundo ali, naquele lugar perfeito e gostoso.

— Vamos olhar as estrelas? Já te falei que gosto, Raio, de astronomia? A noite está linda...

— Sim, já me falou...A noite está linda sim.

Ele riu sonoramente e pude ouvir o som em sua caixa torácica, e aquela intimidade me balançou mais uma vez. O cheiro dele combinava com o gramado.

— Me mostre — pedi, olhando então para o céu e vendo que a noite estava maravilhosamente estrelada, o que era raro em São Paulo. Agora entendia por que ela estava me convidando para o olhar para o céu com ele.

— O quê?

— As estrelas, oras.

Ele sorriu amavelmente.

— Ah, sim. Claro. Hum. Deixe-me ver. Bem ali, vê? — Ele apontou. — Está Cassiopeia. E ao seu lado, está Andrômeda.

Prestei atenção para o desenho que ele fazia no céu.

— Que bacana! Mãe e filha lado a lado! Sabia que Cassiopeia é mãe de Andrômeda na mitologia grega?

— Mesmo? Não sabia, a inteligente aqui é você, minha baixinha.

Sorri.

— Você não é burro, grandão, apenas tem que acertar muitas bolas na cesta, é seu amor maior: o basquete. Mas você entende de astronomia, e eu não. Bem, mas agora me mostre mais.

— Hum, vamos procurar... — Ele franziu o rosto. — Aquela é Raio de Luar— ele brincou.

Olhei para ele, revirando os olhos, desacreditada, e dei um murrinho em seu peito.

— Doeu, mocinho?

Ele pegou em minha mão e me deu um beijo, rindo. Ele sempre fazia isso. Era muito gentil.

— Não, querida. Não doeu.

Querida. Raramente ele dizia isso. *Ah, meu coração quentinho ganhando asas fora do peito! Quantos apelidos carinhosos numa só noite!*

— Pois deveria ter doído! Não sou tão tonta assim em astronomia! Claro que não tem uma constelação com o meu nome, faça-me o favor, Rei!

Ainda rindo, ele começou a acariciar minha mão com seu polegar, e mesmo sem eu querer, aquilo reverberava em mim, lá no fundo, aquela pequena carícia.

— Sei que não tem, Raio, mas juro que eu fosse criar o mundo, colocaria uma constelação com o seu nome — ele sussurrou, com os olhos fixos em mim, e sua mão se estendeu para tocar meu rosto, e um toque leve afastou uma mecha castanha da minha face, e ele continuou ali, acariciando gentilmente minha bochecha, e eu sentia uma tensão se acumular em minha barriga.

Era a primeira vez que Rei tocava meu rosto assim, e aquilo me deixava sem ar. Não conseguia parar de olhá-lo.

E aqueles segundos tensos pareciam durar uma eternidade.

Ele foi se aproximando de meu rosto, ficando muito perto. O olhar focado no meu, parecendo sentir a mesma magia que eu sentia... Fui erguendo o queixo, numa reação natural, em direção a ele, sentindo meu coração aflito, os lábios trêmulos, e fechei meus olhos, esperando, podia sentir sua respiração se aproximar, misturando-se com a minha.

Mas, de repente, fui empurrada de lado, quase com brutalidade, e acordei severamente daquela sensação de sonho.

Santo Deus, ele iria me beijar? O meu melhor amigo? Iria e se arrependeu? Ou será que estive sonhando?

Então, eu o vi ficar sentado na grama e pigarrear, parecendo desconcertado.

— Minha nossa, Raio! Esqueci a hora! Prometi passar na casa de minha tia ainda hoje! Putz! — ele falou, passando as mãos na nuca, parecendo nervoso, sem jeito.

Eu não sabia o que sentir ou dizer, arrumando meus cabelos, alisando meu moletom.

Eu estava ali sentada na grama, tentando descobrir se eu acabara de ser rejeitada ou não, ou tentando entender o que acabara de nos ocorrer.

A única coisa que sabia é que estávamos muito estranhos um com o outro, e mal conseguíamos nos olhar, e que alguma coisa doía de forma diferente em mim, além da sensação de constrangimento que parecia nos varrer.

O fato é que depois daquele dia as coisas nunca mais foram as mesmas entre nós, e se ele não havia me beijado naquele dia, as coisas se tornaram muito piores quando ele

finalmente me beijou, alguns meses depois, antes de ir embora de vez.

Nunca, nunca mais havíamos nos visto depois daquele beijo.



CAPÍTULO 1

*“Apenas um ano de amor
É melhor do que
uma vida inteira sozinho
Um momento doce
em seus braços
É como uma estrela cadente
atravessando meu coração*

*É sempre um dia chuvoso
sem você
Sou um prisioneiro do amor
dentro de você”
One year fof love,
Queen*

*RAIO DE LUAR
DIAS ATUAIS.*

Estava tocando bem alto no fone de ouvido “Se você não cuida, cuidado” do Zé Neto e Cristiano e eu passeava com o cesto pela casa catando os malditos pares de meias sumidos.

Ai Senhor Jesus.

Se o coronavírus não me matasse, Zé Neto e Cristiano matariam.

Que delícia de homens e de música!

Que homens da porra!

Ficava cantarolando e, de repente, batia aquela tristeza...

“Se você não cuidar

Oh, cuidado!

Só você e o mundo inteiro

Quer ela do lado"

Para quem que estava cantando isso, afinal? Aos 23 anos, quem é que me quis nessa vida? Quem lutou por mim?

Os caras que me beijaram e que me deram fora em seguida é que não.

Sempre me perguntava se era porque eu beijava tão mal a ponto de me largarem, ou porque não deixava que fossem além de beijos.

Agora, batia um arrependimento. O mundo podia acabar do coronavírus, minha espécie podia entrar em extinção, e eu ia morrer virgem por ter escolhido demais, esperado demais.

Mas, vai ver os homens que me beijaram deveriam ser ruins de cama...

Pensei então *nele*, e naquele beijo...Aquele único beijo tão poderoso e ardente... Certamente, ele não seria mau de cama, e mais de uma vez tive CERTEZA de que ele era muito bem dotado, quando éramos amigos.

Lembrei da gente na piscina de sua casa, a vergonha que eu sentia de ficar de maiô perto dele, a sensação de querer esconder os peitos e a insistência em usar shorts ao mergulhar, enquanto Rei se exibia, maravilhoso, para mim, sem qualquer constrangimento.

Todo Rei da porra toda.

Pelo menos, hoje em dia eu sabia que meu corpo era meu ponto forte, que meu corpo realmente era muito *top*, além de ter me descoberto na maquiagem, embora nunca fosse fã de me mostrar, mas como trabalhava vendendo roupas, agora tinha de me vestir bem na loja e sempre pintava meus olhos que ficavam ainda mais azuis em contraste com o preto da sombra e do rímel.

Sim, eu dera um belo *up* na minha aparência.

Porém, em casa eu gostava de ficar pior que uma mendiga, toda largada de pijama, como agora.

Cosplay de dona Florinda.

Sim, ele deveria ser muito bom de cama, concluí, amarga, pensando no fruto proibido que não provei: Reinaldo.

Mas ele foi embora. Ele havia me deixado. Ele havia me magoado. Rei não lutou por mim.

Onde *e/le* estaria agora?

Eu não o via desde que ele fora embora para os EUA...

Era tudo tão fácil para ele, e tudo sempre tão difícil para mim... E mesmo assim, como ríamos juntos, e como nos entendíamos!

Uma lembrança engraçada do passado me veio, entre tantas outras.

As pessoas rindo do meu nome na escola. Um nome de *hippie* que me rendia todas as risadas e humilhações do mundo no ensino médio, e que fez Reinaldo me defender logo que entrou na escola.

Ele também era corajoso. E eu nunca ia me esquecer o quanto fiquei emocionada quando me defendeu daqueles garotos pela primeira vez, e disse que meu nome era lindo...

E que nossos nomes combinavam, uma dupla caipira...Rei e Raio...

Rei só não era bom de estudar. Nisso, eu era boa, muito boa. Finalmente eu era melhor que ele em alguma coisa. Era boa em tudo, e achei que aquilo ia me colocar para a frente como um foguete, mas a verdade é que agora tinha um diploma de administração que não me valia de nada.

E várias contas para pagar.

E formada na USP, anda por cima. E meus pais sequer estavam mais vivos para se orgulharem.

Haviam morrido num acidente há três anos, voltando do Guarujá, antes de eu me formar.

Enquanto isso, Rei agora era um grande astro de basquete nos EUA, jogador da NBA, e super desejado por aí...Como não seria? Nunca tinha visto homem mais lindo em minha vida.

Quem diria que o Reinaldo, o meu Rei, que lá virou *King of Magic*, iria se tornar um verdadeiro astro multimilionário do basquete?

Mas o desgraçado era tão virado para a lua que ter o avô americano, é claro, ajudara em tudo.

Eu não o via há 6 anos. Seis anos longos.

Ah, Reinaldo... Em plenos tempos de coronavírus e você vindo na minha mente enquanto eu cato meias pela casa toda bagunçada.

Como eu era idiota.

Por que me beijou? Por que me deu aquele primeiro beijo, Rei?, pensei, quase chorando, num suspiro lamentoso.

Se não tivesse dado, talvez eu não sentisse tanto a falta dele, ou me lembrasse tanto...Ou talvez sim, talvez eu o sentisse para sempre.

Foram quase dois anos de intensa amizade entre nós. Foi tudo muito forte, ao menos para mim.

Mas não nego que os momentos mais felizes da adolescência estavam em cima dele.

Lá, nos shows de rock, quando ele me colocava no ombro, chamando-me de baixinha e dizendo que tinha pena de mim por não conseguir enxergar nada.

Ele me pagava todos os shows. Eu amava.

Reinaldo tinha tudo o que eu não tinha: beleza, dinheiro, um jeito seguro de ser, toda a desgraça do carisma do mundo, e ainda 2 metros de altura que o fez ser selecionado para o NBA antes dos 20 anos.

E ele partiu despedaçando meu coração.

Não tive coragem de me despedir por mensagem. Nem soube se ele me esperou naquele dia.

Que estupidez! É claro que não.

Ele havia pedido para eu ir naquela noite, mas ele esteve com Natasha, não? Não sei se eles ficaram juntos depois que ele se mudou, como ela havia me dito. Não a vi mais também.

Depois do ensino médio, cada um tomou seu rumo. E eu queria esquecer aquilo tudo.

Ele me magoara muito antes de ir, mas às vezes pensava se não deveria ter ido vê-lo naquele encontro, mas eu não poderia ir depois do que ele me fez.

Por vezes, sonhava imaginando o que ele poderia ter me dito, mas eu não estava lá para ouvir.

Bem, já não importava mais... Tudo havia mudado.

Até a raiva e a decepção que senti, já não doíam tanto assim.

A última notícia que tive é que Rei estava jogando no *Los Angels Lakers*, mas eu não gostava de saber sobre ele.

Aquilo me machucava de verdade de uma forma que eu não compreendia.

Ele era o meu maior segredo. Nem Luana, minha atual melhor amiga que morava comigo, sabia sobre ele.

Dei um longo suspiro, afugentando as memórias. Como a vida era engraçada. Num momento, alguém era tudo, e de repente, não era mais nada.

Éramos Raio e Rei até que entrou Natasha na história, é claro, e as coisas começaram a degradingolar, especialmente depois daquele dia no Ibirapuera, em que me senti rejeitada e insegura. Não sabia mais como lidar com ele, e ele parecia bastante sem jeito perto de mim.

Tivera uma proximidade com Reinaldo que todos os dias me perguntava como aquilo poderia ser possível, e um belo dia, ele foi embora.

Mas todas as noites ele estava nas minhas preces e nas minhas lembranças.

E ele nem sonhava que havia me dado o meu primeiro beijo... E que era o meu amor secreto que eu nunca conseguira esquecer.

“Vai

Quebra a rotina

E leva sua mina pra dançar

Ao som daquela banda cover”

Um dia a gente dançou, Rei, pensei, e nem era banda *cover*...

Depois, eu nunca mais dançara com um homem.

Continuei cantarolando para o gato que ficava me olhando como se eu fosse uma doida, dançando com aquele cesto enorme na mão e um pano amarrado na cabeça para ver se domava aquela juba.

Ele não tinha nome, era gato mesmo. Porque ele era lindo. Um gatão. *Hehehe*.

Era bagunça e meia para todo lado. Misericórdia! E estava sozinha agora em casa porque Luana estava passando uns dias na casa do namorado na quarentena para facilitar as coisas, e agora eu tinha de resolver a bagunça sozinha, embora a casa fosse bem pequena.

Há alguns dias havia voltado a trabalhar meio período na loja de roupas, indo de segunda a sexta, e boa parte do tempo fazia tele vendas com as clientes em casa.

Estava dando para tirar apenas um salário mínimo, mas estava feliz naquela confusão toda de ter ainda um emprego.

Foi quando tocou a campainha. Ué, quem seria? Luana não poderia ser. Deveria ser o rapaz da farmácia que chegou um dia antes do combinado com meu antialérgico.

O portão estava aberto, e então berrei de dentro:

— Pode entrar!

Que se danasse eu estar com um pano na cabeça, a não ser que eu quisesse me enrabichar com o entregador.

Olhei para a mesinha de centro e pro rack um instante para tentar achar onde estava meu cartão de crédito.

Eita bagunça.

Foi quando distraída ouvi a porta se abrir e ouvi aquela voz sussurrada e forte.

— Raio...

Virei-me devagar, não querendo acreditar que aquela voz era...

Jesus amado!

Era, era sim. Era *dele* sim. Danação!

Um homem de 2 metros, mascarado, protegido do coronavírus, lindo de morrer estava na minha sala.

Não era o entregador da farmácia.

Era a ruína da minha vida, a solução dos meus problemas, o passado batendo à porta, e eu sentia que ia desmaiar. Minha respiração prendeu na garganta.

— Raio, você disse que eu podia entrar. Sou eu. O Rei — disse, me fitando com aquele jeito de ninja sexy com máscara preta.

Sem conseguir dizer nada, totalmente ciente que para piorar a situação depois de 6 anos eu ainda estava com um pano amarrado na cabeça, dei para ele minha cesta.

— Segure minha cesta — Ofereci para ele segurar, sem pensar, gaguejante.

Ele olhou estranhado para o cesto cheio de meias.

— Está tudo bem? — perguntou, demonstrando preocupação. Seus olhos se tornaram aflitos.

Sabia que eu deveria estar pálida. E pequena, tão pequena, com meu 1,64 m diante dos 2 metros dele.

— Não, não está, grandão — falei, ainda em choque, querendo chorar ao ver seus olhos tão lindos. Ele usava um casaco preto, e calças jeans. Estava mais gostoso do que nunca.

Meu grandão...

— Raio... — murmurou meu nome com aquela doçura de sempre.

Era tempo de coronavírus, eu estava sensível, estava de TPM. Meu coração palpitava. Não podia ser. Eu nem tinha comida nada. Estava de dieta, só chá de hibisco com gengibre a manhã inteira.

— Vou desmaiar, Rei... — avisei, com a voz fraca.

E, *kabum!*

Eu desmaiei mesmo. De passar vergonha eu entendia muito bem. Sempre fora assim.

E eu sabia que quando eu passava vergonha, ele sempre podia me confortar, e percebi isso quando acordei nos braços dele.



CAPÍTULO 2

Algo sobre você

É como um vício

Bata-me com seu melhor tiro mel

Eu não tenho razão para duvidar de você

Porque certas coisas machucam

E você é minha única virtude

E eu sou seu virtualmente

E você continua voltando, voltando novamente

Continue correndo em volta, volta correndo, correndo em volta da minha cabeça

E há certas coisas que eu adoro

E há certas coisas que eu ignoro

Mas estou certo de que eu sou seu

James Arthur, Certain Things

— *Baby*, sou eu... — Senti sua mão carinhosa afagando meu rosto, e não havia mais um homem mascarado em minha sala.

Só havia Reinaldo com uma barba rala em seu rosto, o que me fez sorrir. Nunca havia o visto assim. Estava tão sexy, mais velho, e o vendo assim tão perto, pude perceber que estava com olheiras.

Era a coisa mais sexy do mundo com aquele cabelo desalinhado, e com aquele olhar misterioso que via comigo as estrelas.

Estava muito mais homem, exalando pura testosterona e aquilo me fez suspirar ainda mais longamente.

Um vago sorriso, muito doce, apareceu em seus lábios

— Eu passei álcool em gel, querida. Não vou te infectar. Passei álcool em gel na sua cara toda, e troquei sua roupa— disse com voz suave.

—Quê? Você tirou minha roupa? Você *tá* doido, Rei? E ainda fala isso com voz suave? Meu Deus! Você me viu nua? — perguntei, querendo morrer.

— Só de calcinha e sutiã. — Havia um sorriso sem vergonha na face dele ao me dizer isso, ou estava ficando doida de tanto cheirar álcool em gel?

Estava chocada. Era ao menos um conjunto branquinho de algodão que não estava furado... Graças a Deus.

Engoli em seco, sentindo minha cabeça ainda zozza. Percebi que ele passou a segurar minha mão e que eu estava no sofá e Gato nos olhava com um olhar indolente, como sempre.

— Tive que carregar você e minhas mãos não estavam limpas. Sabe como é, coronavírus. Estava já quase chamando uma ambulância, que bom que você acordou. Estava preocupado. Você está bem?

— Sim, foi apenas um desmaio... Estou me sentindo muito melhor. Minha pressão é baixa.

— Fico feliz. Tem certeza de que não quer ir a um hospital?

— Não, imagine, já estou ótima. Acho que... foi do susto — concluí.

Olhei para Reinaldo, tentando me fazer acreditar que ele estava mesmo ali, e foi aí que percebi que ainda estava com um pano ridículo na cabeça, e, num gesto desesperado, eu o retirei, imaginando o quanto eu deveria estar ridícula.

Que vergonha.

Minha juba então se soltou, bonitona, domada. Castanha e longa. No ensino médio eu quase sempre o usava preso, e vivia espigado.

Agora vivia a base de óleo de coco e de rícino e muito produto *L'oreal* que eu comprava tudo parcelado. Meu cabelo estava um luxo.

Olhei para ele exibindo minha juba, sentindo-me muito melhor, mais mulher, mas quando meus olhos se encontraram com os dele, voltei a sentir aquela estranha sensação

no estômago, e quase lacrimejei de paixão e tristeza.

Minha voz falhou, e fiquei uns instantes boquiaberta, olhando-o, e percebi que ele apreciava meu cabelo, observando-me, ainda acariciando minha mão na sua.

Minha mão muito pequena dentro da sua.

— Seu cabelo está lindo, baixinha. Está linda. Toda linda, pude comprovar. — Aquela afirmação sem vergonha de quem me vira só de calcinha e sutiã me deixou completamente atarantada, especialmente enquanto ainda havia um sorriso safado em seu rosto.

Fiquei sem saber o que dizer, a voz ainda presa na garganta. Sem poder me conter, eu levei minha mão até seu rosto, e surpreendentemente, ele deixou sua bochecha em minha palma, como um menino lindo e carente, ali, de joelhos ao meu lado.

Mas ele já era um homem de 25 anos, quase 26.

Era ousado, louco o que estávamos fazendo, mas o que não era ousado e louco naquele reencontro?

Por fim tirei minha mão de seu rosto, encabulada, e ficamos um tanto sem jeito em silêncio. Rei se sentou então no sofá e me afastei para que ele se acomodasse melhor.

— O que você está fazendo aqui, Rei? Quase desmaiei de susto. Achei que fosse uma alucinação de tanto álcool em gel, uma sequela de coronavírus, sei lá... — falei, perturbada, o rosto crispado, num suspiro lamentoso.

Vê-lo doía, doía de verdade.

— Não queria te assustar, desculpe — murmurou, com ar contrito, mas ao mesmo tempo com um sorriso nos lábios.

— Tudo bem... — Dei de ombros. — Não sonhava em reencontrar você um dia assim.

Ele ficou me examinando em silêncio.

— Sonhava em me encontrar?

Mordi os lábios, insegura com a minha fala imbecil que me entregava.

— Bem, você foi embora e nunca mais soube de você...Talvez tenha pensado em como seria um reencontro, sim. Talvez tenha considerado a hipótese.

Ele deu um sorriso que parecia triste, mas ao mesmo tempo me deu um olhar que parecia me varrer inteira, sensualmente. Ele era sempre sexual.

— Fico feliz que tenha sonhado com isso, em se reencontrar comigo, *baby*... — falou com a voz enrouquecida.

— Não afirmei nada, seu convencido — devolvi, sorrindo com ironia e arqueando a sobrancelha, tentando soar segura.

— Mas eu afirmo que sonhei em rever você. Sonhei muito, Raio... — falou com uma voz firme, encarando-me com mais firmeza ainda.

Fiquei absolutamente aturdida com aquela resposta.

Era *eita* atrás de *eita*.

A expressão de seu rosto naquele momento era insondável, mas percebi que ambos estávamos com a respiração alterada. Meu coração batia em minha garganta naquele instante.

O que Rei queria dizer com aquilo? Fora embora e virara um astro, e eu era uma coitada na última gaveta do esquecimento dele, apenas isso.

Mas agora ele estava ali, diante de mim, e ainda me olhando de forma sensual e emocionada. E aquilo estava me deixando nervosa, e quando eu ficava nervosa, eu ficava doida.

— O que veio fazer aqui depois de tanto tempo, Rei? Que diabos afinal está fazendo aqui?

Vi que seus polegares brincaram enervados em suas coxas fortes antes dele me responder.

Demônio gostoso.

— Eu não sei — respondeu depois de alguns segundos visivelmente nervosos.

Respirei longamente. Eu já havia ouvido aquilo dele uma vez. Naquela noite do beijo de despedida. Há 6 anos atrás. A mesma droga de resposta.

“Eu não sei”.

— Odeio mistérios, Rei — ralhei, aborrecida.

— Eu sei, eu sei que odeia. Talvez tenha vindo aqui para justamente descobrir por que queria tanto vir.

Aquela resposta me pegou completamente de surpresa, e apenas consegui olhá-lo silenciosamente em resposta.

Percebia que ambos estávamos perturbados. Meu coração ribombava no peito, numa emoção espiralada.

Não adiantava lutar para me controlar, e sentia que ele me observava, cuidadoso.

— Trouxe flores. — Ele cortou o silêncio, num sorriso lindo. — Seus girassóis. Já passei álcool em gel neles, e coloquei num vaso. Trouxe torta de abacaxi também. Foi difícil achar. É, tempos de quarentena...A gente arrisca a vida trazendo tortas e flores para a *nossa* garota.

Sorri lembrando que ele já havia me dado girassóis algumas vezes, além de alguns presentes que eu guardara como uma boba aqueles anos todos.

E que ele muitas vezes dava um jeito de me dar torta de abacaxi, especialmente na minha TPM, no passado, e eu sempre me sentia segura e protegida ao seu lado, e alguma coisa me fazia me sentir segura com ele ali, novamente.

Um gesto tão pequeno como aquele, flores e torta, preenchendo aquele lugarzinho vazio do meu coração.

Tão pouco era tanto agora.

— Você lembra... — sussurrei, emocionada, lutando para não chorar.

— Não esqueceria. Jamais me esqueceria de você, Raio de Luar... E é possível esquecer alguém com seu nome e com o seu senso de humor? Não, eu não esqueci da *minha* garota... — Acariciou-me por um instante, o dorso quente da sua mão em minha pele,

Olhei para Rei sentindo minha respiração faltar. Aqueles possessivos que ele estava usando, dando a entender que eu era sua, aquela mão gentil em meu rosto, aqueles olhos escuros me olhando bem perto, cheios de calor.

Será que era efeito do coronavírus? Gostar de mim era uma sequela? Ele bebera álcool em gel com cloroquina e corote e viera me ver no meio de uma alucinação?

Sem saber por que, fechei meus olhos e gargalhei um pouco.

E depois, gargalhei muito, que nem uma doida.

— Agora eu que te pergunto, Rei, você está bem? — perguntei, tentando parar de rir.

Ele ria também, sempre adorava me acompanhar nas brincadeiras.

— Com você rindo da minha cara, minha baixinha, sempre vou estar bem. Que bom que estou vendo *minha* garota, e que ela adora debochar de mim.

— Seu tonto!

— Pode crer! Sou *seu* tonto! — Ele ria comigo, de chorar agora.

— Veio dos EUA em plena pandemia para ouvir minhas piadas bestas, seu zé ruela? Que perdedor! — provoquei.

— Sim, um perdedor, mas um bom perdedor se for para rir com você, baixinha. Você vale a pena, minha querida. Você sempre valeu a pena. Quem mais me faria rir em plena pandemia? Quem mais faz da tragédia uma comédia? — ele brincou, ainda rindo e me dando uma piscadela, já se controlando, e havia uma profunda doçura em seus olhos e sua voz.

Continuei gargalhando, com lágrimas nos olhos, porque assim disfarçava minha vontade de chorar ao ouvir tudo aquilo.

Não queria acreditar que eu era importante para ele. Que eu era querida.

Que nem tudo era devaneio da minha mente, que ele não fora um canalha comigo 6 anos atrás, pisando em toda nossa amizade e me esquecendo em seguida.

Pessoas importantes umas para outras não se deixam. Pessoas queridas não se machucam.

Pessoas que se amam ficam juntas.

Não queria me magoar acreditando nele.

Percebi que ele ainda ria também, quase chorando. Ríamos como dois idiotas, como se fôssemos ainda os melhores amigos numa vida e num mundo que não existiam mais.

Tanta coisa nos separava, mas ele estava ali agora, na minha sala, no meu sofá velho e duro.

E ainda me trouxera girassóis e tortas depois de 6 anos de tristeza, e ficamos ali, até nos controlarmos, como nos velhos tempos.

Silenciando-me, pigarreei, tentando me recompor.

— Desculpe essa crise de riso.

— Estava com saudade da gente rir até perder ar...

— Eu também... — confessei, sentindo uma leve tontura ao lembrar da rigidez de seu corpo contra o meu, seis anos atrás.

— Bem, Raio, afinal, por que desmaiou? Quer que eu chame um médico? Está grávida? — ele perguntou, de repente, com um ar perturbado e o olhei como se ele fosse o ET de Varginha.

— Quê? Grávida? Por que eu estaria? — perguntei fazendo uma careta.

Rei deu de ombros.

— Não sei, as mulheres engravidam o tempo todo, e elas desmaiam...

— Para poderem engravidar, mulheres precisam de um homem, e bem, eu não... — Percebi que estava expondo minha vida derrotada e virginal para ele, e resolvi me calar, chutando-me mentalmente e me recostando no sofá, encolhida.

Raio de Luar, sua burra. Pare de falar tanto. Não entregue o ouro. Mantenha o mistério.

— Não tem um homem na sua vida nesse momento? — ele indagou parecendo ansioso, movimentando as pernas com um tique.

Pensei um pouco antes de responder, estranhando as reações corpóreas de Reinaldo.

Infelizmente, eu era péssima para mentir, e péssima para descobrir verdades também.

— Não, eu estava era com fome e fazendo dieta mesmo...juntou com o susto que você me deu, a minha TPM, e foi feita a desgraça...

Ele simplesmente expirou parecendo aliviado e me disse descaradamente.

— Graças a Deus...

— Quê? Eu desmaio e você agradece?

— Não, não...Não é isso... — falou, sem jeito, e sorrindo, o desgraçado. — É que fico feliz que não tenha um homem na sua vida agora.

— Por quê? — perguntei, direta como um tapa na cara.

Mais uma vez ele pareceu lesado e perturbado e me veio mais um:

— Eu não sei...

Já revirei os olhos, impaciente.

— Mas sei que não gosto da ideia de ver minha tampinha com um homem ao seu lado — ele prosseguiu, diante da minha exasperação.

Mas com aquela resposta, eu estava ficando completamente boquiaberta e atordoada.

— Como você está esquisito, Grandão. Achei que sua cota de esquisitices já havia sido batida quando você foi embora há 6 anos, Rei...

Ele pareceu engolir em seco, extremamente tenso.

Ele continuava esquisito... Sim, ele estava extremamente esquisito antes de ir embora... Deixou-me completamente confusa e emocionalmente destruída por anos, e não queria agora, de modo algum, denunciar tudo o que estava sentindo.

Não queria que ele soubesse que eu sofri, mas, *droga*, eu desmaiei ao vê-lo. Como pude ser tão idiota?

A gente não pode nem desmaiar de emoção em paz.

— Desculpe se pareço esquisito e se estive esquisito quando fui embora. Não foi fácil ir embora, Raio.

Tornei a encará-lo, perplexa com sua sinceridade.

É, não foi fácil a sua partida, quis dizer, mas suspirei fundo e me calei, e acabei olhando fascinada para sua boca que agora estava ali, sensualmente perto da minha.

Lembrei daquele dia em que ele havia me estreitado em seus braços, e a lembrança de sua língua quente na minha, o modo como me segurara com força e jogara minha cabeça para trás para devorar minha boca.

Juro que estava me dando até coceiras de tão nervoso, e comecei a coçar meus braços como uma maluca diante do olhar intrigado de Rei.

Eu andava tendo coceiras se me enervava.

— Você tá bem, Raio?

— Você me dá coceira... — confessei enquanto me coçava...

— Quê? — ele perguntou, atônito.

Ah, meu Deus.

— Não sei, Rei. Estou nervosa. Sou esquisita também. Não posso reclamar de você — respondi com toda minha absurda franqueza.

Foi quando ele pegou minha mão com firmeza, fazendo-me parar de me coçar e fitá-lo.

— Calma, Raio... Respira... Respira... A coceira vai passar — instruiu, paciente.

Respirei como ele disse, e ele ria. E realmente, fui me acalmando e a coceira foi passando.

Mordi os lábios enquanto ele estava ali ao meu lado.

— Desculpa te dar coceira e por ser esquisito, Raio...

— Tudo bem, Grandão. — Tranquilei-o com um sorriso.

Seu semblante se tornou pensativo.

— Sei que sou esquisito, mas gosto de mim mesmo quando estou com você. Gosto de quem sou ao seu lado, e sim, eu vim de muito longe para rever você, Raio. Só para rever você — falou, com um tom de voz emocionado que me quebrou em mil pedaços.

Sentindo meus lábios trêmulos, perguntei com cautela, enquanto sua mão acariciava a minha.

— Sério?

— Hum- Rum. Vim só para estar com você — afirmou com a voz firme. — Pena que te dou coceira.

Lamentei o fato.

— É que você mexe comigo — confessei burramente, aquela frase tola traindo tudo o que sentia sobre ele.

Ele sorriu com ar vitorioso.

— Você também mexe comigo, Raio. Faz-me inclusive vir até aqui. Mesmo depois daquele tapa que você me deu. E de anos de silêncio.

Fitei-o mais uma vez aturdida. Não fazia a menor ideia de que ele se importava com o meu silêncio. As coisas não foram boas entre nós perto de sua partida.

Ele fora embora namorando com Natasha, não comigo.

— Bem, você também se silenciou, Rei — falei cheia de mágoa e hostilidade, cruzando os braços, protetivamente.

O orgulho me revolveu naquele instante, lembrando do que nos aconteceu, e depois aquela imensa sensação de solidão e saudade, e percebi que seu semblante se fechou.

— Tivemos nossas vidas, Rei. Nossos destinos, como pode ver. Cada um no seu quadrado. Não há nada errado nisso.

— Pode ser. —Ele deu um sorriso triste. — Mas nunca me esqueci de você, Raio. Nem da vida que compartilhamos. Nem nunca esqueci de seu café com canela. — Havia tanta verdade naquela declaração e no seu olhar que um furor me arrepiou.

Fechei os olhos por um instante, presa na doçura daquela declaração e daquele olhar escuro de alguém que via as estrelas comigo, anos atrás, e me carregava em seus ombros, e sempre havia me protegido de todo o mal, fazendo-me tão feliz.

Ao abrir meus olhos, ele ainda estava lá, com o sorriso que sempre tirava o melhor de mim.

— Gostaria de tomar meu café, grandão? — perguntei, comovida.

— Estou há 6 anos esperando por ele, Raio. De coração — disse, num sorriso que, se eu não fosse apaixonada por ele, eu me apaixonaria naquele exato momento.

O olhar de Rei era de uma franqueza avassaladora. Ajeitei devagar os cabelos detrás da orelha.

— Vai me convidar para uma xícara de café? — ele insistiu, arqueando uma sobrancelha sedutora, enquanto a ternura se apoderava de mim.

— Está bem. Te faço um café.

Sabia que tomar um café e falar amenidades nos salvaria daquelas emoções quase incontroláveis.



CAPÍTULO 3

O que é que deveria fazer sem você?

É tarde demais para juntar as peças?

Muito cedo para deixá-las ir?

Você se sente danificado apenas como eu me sinto?

Seu rosto, faz meu corpo doer

Você não quer me deixar em paz

Always, Gavin James

Enquanto a gente lanchava, para descontrair, estávamos falando sobre o presente, o passado, e mesmo sobre a loucura da pandemia.

Não, não foi fácil dizer sobre a morte de meus pais.

Mais uma vez sua mão foi consoladora pegando a minha, assim como seu silêncio cheio de atenção para me escutar foi quase caricioso.

— Sinto-me péssimo. Eram pessoas maravilhosas. Sou muito grato pelo que me fizeram. Eu sinto tanto, baixinha. Sinto tanto por você. Ah, *baby*...— Fechou os olhos e apertou mais forte minha mão. Sabia que ele sofria de verdade ao dizer aquilo

— Tudo bem, Rei. Já faz tanto tempo... — disse com delicadeza, afagando sua mão também, tentando fazer com que se sentisse melhor.

Ele assentiu, com o semblante bastante pesaroso.

— Mas eu deveria estar aqui quando aconteceu. *Droga*, Raio...Eu deveria ter ao menos telefonado. Eu fui tão relapso...Eu fui tão egoísta esse tempo todo...Se soubesse o quanto me sinto mal — sussurrou com uma voz entristecida.

Suspirei resignada.

— Não se culpe, Rei. O que você podia fazer?

— Não ter sido um filho da puta? — indagou, franzindo o cenho.

Não consegui dizer que ele não era um filho da puta.

— Estava ocupado, Rei. Você agora é *King of Magic*, não? O todo poderoso e multimilionário. Aliás, confesso que é esquisito ver você na televisão, nas revistas...

E com as garotas, quis completar, mas sempre fora assim: ele com mil garotas ao seu redor, e eu tendo de me habituar.

— Também acho esquisita às vezes a vida que levo. Não sei às vezes quem sou, Raio. Não sei se gosto da vida que levo, mesmo sendo “*King of Magic*”

Olhei-o, desconfiada, e dei um murrinho nele.

— Doeu? — perguntei, como fazia antigamente.

Ele riu, depois de fingir que havia doído.

— *Baby*, não, não doeu — respondeu, com astúcia, arqueando as sobrancelhas.

— Pois deveria! — brinquei como sempre brincava, tentando dar leveza à nossa conversa. — Desde quando dinheiro é ruim, seu coisado? Nem vem que não tem, faça-me o favor! Vem trocar de vida comigo, mocinho. Vem batalhar para não andar com meias furadas, aliás, não sabe como estou grata por você não ter me visto com as minha calcinhas furadas! — gargalhei, sem pensar no quanto eu estava sendo tonta, e piorando ainda situação, para provar o que eu dizia, ergui minha perna e mostrei a barra do pijama que o doido tinha me vestido enquanto estava desmaiada. — Olha isso, filhote. Quer trocar de vida? — falei, apontando meu pezinho com a barra desfiada para ele.

Sem que eu pudesse dizer nada, ele pegou meu pé entre suas mãos, e o agarrou com delicadeza, deslizando seus dedos quentes, e deu alguns beijos demorados no dorso do meu pé, sem tirar os olhos de mim.

A sensação passou da planta dos pés para cada poro do meu corpo, arrepiando-me totalmente, e tentei controlar meu estremecimento, em vão.

Percebi que ele observava atentamente minhas reações físicas, o que me deixou mais uma vez bastante vermelha. Por fim recuperei meu pé, sem graça com aquele assalto sensual, e ainda mais confusa com aqueles sentimentos que ele estava me despertando.

Não quis comentar sobre o que ocorreu, embora ele me olhasse como se estivesse esperando uma resposta, como seus olhos estreitados, em expectativa.

Engoli em seco, sentindo a maldita tensão sexual me tomar. Ele sempre tivera aquele poder sobre mim: fazer-me pensar em sexo. Ele inteiro era uma mensagem sexual gritante.

— O pé é meu, seu coisado — brinquei, tentando voltar ao controle.

Ele sorriu maliciosamente, lindo.

— Será?

Era a pergunta misteriosa de uma pessoa astuta, e preferi ignorar, voltando ao assunto anterior.

— Sobre sua vida, Rei, realizou seus sonhos, deve estar feliz. Você sempre quis ser o grande astro de basquete, mas sei que isso tem um preço. — Tomei um gole de suco, tentando parecer casual.

— Um preço muito caro, Raio — murmurou tristemente, após um instante de silêncio angustiado. — Não sei se sou feliz. As coisas não parecem se encaixar. Nem sempre conseguirmos o que planejamos é exatamente o melhor para nós.

Assenti, pensativa.

— Mas você é um sucesso, Rei. Não é mais apenas o rei das garotinhas — brinquei, tentando disfarçar minha tristeza. — É também o rei do basquete.

— Talvez, mas pra começo de história, não sou o rei das garotinhas, Raio de Luar, e se saí com algumas mulheres nesse tempo, nenhuma significou nada, nenhuma importou, e não, eu não me sinto nada feliz — declarou, franzindo o cenho, angustiado. — Não sei se o "*King of Magic*" é feliz. É uma vida de muitos sacrifícios. Tenho dinheiro, correto. Muito dinheiro, e quer saber, Raio? Eu me sinto um mendigo às vezes, necessitando de alguma coisa que eu não sei, mas que não é dinheiro, ou sucesso. Ou garotas vazias. Não sei se me entende.

Não quis criticá-lo. Eu também não me sentia feliz, e não sabia se o entendia, mas sabia que sua confissão sobre as mulheres me deixou aliviada.

— Não sei se seria uma mendiga se tivesse milhões, Rei. Eu sempre quis ter conforto financeiro, você sabe. Bem, eu quis algo melhor para minha vida. Mas a verdade é que fracasei — confessei cheia de pesar, a voz sofrida. — Quis ir longe, e me esforcei tanto. Você sabe, você é minha testemunha — falei, quase chorando.

— Ah, Raio. É claro que sei, e sempre te admirei por isso.

Minha garganta doía de tanta tensão.

— Você conseguiu, Rei. Alçou voo, e me sinto tão orgulhosa de você! Como me sinto! Mas é a verdade é que eu ainda estou aqui. Entrei na USP. Tanto esforço e tanto cansaço. — Respirei fundo antes de continuar, sob seu olhar atento, sentindo minha voz embargada e uma dor horrível no peito. — Ler em pé no metrô, Rei. Contar moedas. Muitos sonhos e planos. Inglês perfeito. E sabe o que consegui? Apenas vendo roupas. Estou tirando no momento por causa da pandemia apenas um salário mínimo. É isso, eu fracassei — admiti, cheia de tristeza, percebendo que uma lágrima queria escorrer, e me prontificando a enxugá-la, antes que me fizesse passar mais vergonha.

— Pare com isso, Raio de Luar. Você nunca fracassou. Nunca fracassaria. É só uma fase de sua vida. Você é a garota mais incrível que conheço. Sempre foi, e nunca senti nada menos do que orgulho de você — falou, com os olhos cheios de ternura, num misto de encorajamento e censura.

Quis chorar por sua bondade, controlando um sorriso traiçoeiro, cheio de encantamento, e dei outro murrinho nele, em seu peito, sentindo-me exasperada, frustrada.

— Pare de ser tão fofo, Grandão! Você não é assim, você não é sempre fofo...

— Não? — ele perguntou num tom macio e com um sorriso sedutor.

— Não, você é cruel — acusei num tom magoado, a mente cheia de recordações.

Tomei ar antes de continuar diante de seu olhar perturbado.

— Você foi embora, Rei. Sei que foi por sua felicidade e sucesso, mas você foi embora daquele jeito, e agora está aqui na minha cozinha me dizendo essas coisas e pedindo meu café e beijando meu pé...

Ele me olhava, perplexo.

— Por que beijou a droga do meu pé, Rei? — exclamei, fora de mim. Tudo aquilo saiu aos borbotões, e agora o encarava com olhos estatelados e lacrimosos, exigindo dele uma resposta.

Ele tinha uma expressão sofrida, e sua mandíbula estava retesada.

— Porque sempre achei seus pés lindos. Eles são magníficos e pequeninos, como você. Porque se existe uma pessoa que merece ter os pés beijados, é você. Porque sempre quis fazer isso, Raio. Porque eu quis, droga!

Aquilo era mais que eu podia suportar. Sentia-me confusa, e não queria alimentar sentimentos que nunca havia me atrevido a deixar crescer.

— Mas que coisa, Rei! Não se bagunça assim a cabeça de uma pessoa. Isso não se faz! Bagunçar minha cabeça não é bom, muito menos meu coração. Não sei se você sabe, Rei. Sempre tive um coração, mesmo que você nunca tenha ligado para isso — acusei-o, a voz engolfada, e por fim, nocauteada pelas emoções, escondi meu rosto na curva do braço e encostei minha cabeça na mesa, escondendo o choro, mas então senti seus dedos mansos em mim.

— Raio, meu bem, desculpe. Não chore — Tocou meus fios enquanto murmurava com ternura.

— Não fique assim, minha baixinha — insistiu com sua voz rouca. Reinaldo acariciava meus cabelos, fazendo-me girar o rosto e o olhar, em meio às lágrimas que ele passou a enxugar com suavidade.

Um calor doce me percorria, junto de meu amor secreto que sentia agora transbordar.

Sentia tanta vontade de tocá-lo, de sentir seus punhos grossos, seus braços fortes, acariciar seu rosto como havia feito uma única vez, tanto tempo atrás.

Queria tanto que doía.

— Por que me chama de minha baixinha, Rei?

— Porque sempre quis que você fosse a minha baixinha. E preciso dizer isso. Por Deus, Raio, eu preciso te dizer isso — Ele sorriu, agora acariciando meu rosto com uma doçura infinita, e simplesmente deixei que ele fizesse aquilo por vários minutos, que me acariciasse, querendo acreditar naquela magia, naquela ternura sem fim.

Simplesmente cedi, sucumbindo ao amor que sempre me dominara, enquanto chorava baixinho.

Queria que ele me acalmasse, que ele fizesse círculos de veludo em meu rosto, em meus cabelos, como estava fazendo agora, para sempre. Simplesmente não queria que

acabasse.

Queria ficar sob a luz das estrelas que moravam agora no seu olhar.

— Vem cá, Raio — murmurou, segurando em meu braço, enquanto afastava a cadeira.
— Vem cá, meu amor.

Olhei sem ar para seu grande e delicioso corpo em expectativa, para seu peito que subia e descia, para seus lábios entreabertos, para seus olhos profundos e escuros que me observavam com uma intensidade única, sem saber o que fazer, mas antes que eu pudesse pensar ou protestar, ele me puxou com força e de repente estava me acomodando em seu colo.

Rei fez com que eu deitasse minha cabeça em seu ombro, e me senti embalada como uma garotinha, enquanto enlaçava seu pescoço forte e sentia mais uma vez o poder de seus ombros largos e musculosos.

— Fique aqui, nos meus braços. Pode me usar, Raio. Preciso que me use. Preciso de você. Por favor, precise de mim tanto quanto eu preciso de você.

Tudo havia desaparecido. Só havíamos nós naquela cozinha, e aquele afeto estranho que nos unia.

E podia sentir todo a intensidade daquele sentimento.

— Rei, você não presta — falei, afundando meu rosto em seu peito, quase gaguejando.
— Mas eu gosto de você, eu gosto tanto de você. Sempre gostei de você, maldito seja — murmurei contra seu casaco.

— Que bom que gosta de mim, Raio. Eu, eu te adoro. Por Deus, menina, eu te adoro. Nunca vai entender o quanto você foi e é importante para mim — ele falou baixinho com a voz grave brincando em meu pescoço, que ele agora acariciava, e fechei meus olhos, aconchegando-me melhor, até que ele desceu a palma quente em minha coluna e me abraçou ainda mais apertado.

Aquele cheiro, aquela dureza, estar em seu colo...meu Deus, eu não podia controlar o que estava sentindo.

Era uma paixão de anos, uma agonia, e toda aquela seu carinho, e sua doçura, e seu cheiro, e sua beleza me tonteando...

— Eu senti tanto sua falta — confessei, vencida, em sua orelha. — Quis sempre me dizer que não sentia, mas a verdade é que senti tanto, tanto a sua falta. Eu me fiz de forte por 6 anos, Rei, mas tem sido tudo tão difícil sem você... Foi uma droga quando você foi embora. — Solucei. — E agora está sendo tão difícil essa pandemia. Eu sinto tanto medo — voltei a confessar, como uma criança.

— Estou aqui, baby...Estou aqui, meu amor...

Meu amor, ele dizia meu amor...Ele era meu amor. Seria um sonho, um milagre? Estava tão confusa...

— Mas você não estava aqui... — choraminguei, magoada.

— Mas agora estou. E me odeio porque demorei tanto a me decidir a vir, por puro orgulho e estupidez. Mas um homem muda, Raio. Daria tudo para ter estado aqui, para ter feito as coisas de uma forma diferente ... — murmurou com a voz trêmula, emocionada.

— Mentiroso — soluzei em sua pele, sentindo o sal das minhas lágrimas. — Você foi embora, você me deixou, Rei. Você nem se despediu de mim. Você foi um canalha. Um desgraçado. E eu sou uma fraca por estar aqui te dando trela — falei, de repente, batendo nos ombros dele, cheia de auto censura, e erguendo meu rosto para olhá-lo acusatoriamente, lembrando-me tudo o que ele me fez sofrer e da loucura que era ele estar ali agora, na minha frente. E da vontade surreal que eu tinha de beijá-lo.

Não conseguia tirar os olhos daquela boca.

— Raio, se teu te beijar, você me bate como naquela outra vez? — ele perguntou, acariciando meus lábios, o que me fez ofegar.

Eu o odiava, eu o odiava por segundos, depois o amava mais. Sempre foi assim, mas lembrar daquela noite e de como ele foi embora me fez bancar a difícil.

— Bato.

— Posso correr o risco — murmurou sedutoramente, sorrindo de canto, aproximando seus lábios do meus. Por quase um segundo, permiti, mas então eu fugi em seguida e o empurrei.

— Desgraçado — xinguei, querendo chorar. — Você foi embora, seu zé ruela.

— Mas foi você quem me deixou, Raio. Esperei você a noite toda, e você não veio.

Levantei-me abruptamente, cheia de indignação.

— Quê? Mentiroso! Não me esperou!

— É claro que esperei, Raio! — Ele se levantou também, fazendo uma expressão estranhada, na defensiva. — Mandei um monte de mensagens para você, e te esperei até o amanhecer! Fiquei arrasado, porra! Tem ideia de como me senti quando fui embora e você sequer se despediu de mim?

— Pare de mentir!

— Não estou mentindo, caramba! Estou aqui, quero você, quero beijar você! Pare de loucura!

— Nem vem que não tem! Daquela vez, você não gostou de me beijar! Até me pediu desculpas por ter me beijado! Peço desculpas por ter deixado você me beijar também!

— Nunca pedi desculpas, como assim? E nunca pediria, pois nunca me arrependi de ter beijado você —exclamou, parecendo furioso. — Que loucura é essa, Raio?

— Claro que pediu! Natasha mandou seu recado dizendo que foi uma loucura, que você estava bêbado, que quis brincar comigo! E logo depois, ela foi se despedir de você toda piranha e vocês transaram a noite inteira no clube, isso sim!

Ele me olhou longamente, parecendo chocado, passando as mãos no cabelo, enquanto eu o encarava parecendo um gato em cima do telhado querendo dar patada, toda espichada pra ver se eu ficava mais alta tentando impor medo, mas ele não tinha medo algum de mim. Rei estava ali, determinado, defendendo-se.

— Não transei com Natasha porra nenhuma! Já tinha terminado com ela há muitos dias quando fui embora. E não mandei droga de recado nenhum! Fiquei plantado a noite inteira esperando você, isso sim! Como um trouxa!

Olhava-o, confusa. Ele estava realmente parecendo tão indignado e consternado quanto eu.

— Quê? Mas não pode ser! — murmurei.

Rei me olhou de modo muito sério por um longo instante, e parecendo suspirar longamente para se acalmar, ele me disse, num tom grave:

— Eu não minto, Raio.

Eu sabia que aquilo era verdade. Confusão e sofrimento explodiam em meu peito vendo-o ali, com seu maxilar rígido.

— Acho que Natasha nos aprontou uma cilada, Raio —ele continuou deixando-me cada vez mais chocada.

Fiquei ali, sem querer acreditar, e de repente minha mente voltou para 6 anos atrás.



CAPÍTULO 4

*Você sabe que eu te quero
Não é um segredo que eu tento esconder
Você sabe que me quer
Então, não continue dizendo que nossas mãos estão atadas
Você diz que não está nas cartas
E que o destino está te levando a quilômetros de distância
E longe do meu alcance
Mas você está aqui no meu coração
Então, quem pode me parar se eu decidir
Que você é meu destino?
Rewrite The Stars (with Anne-Marie) James Arthur*

SEIS ANOS ATRÁS

Natasha se arrumava no espelho do clube. Alta, como uma boa jogadora de basquete. Um corpo perfeito. Eu batia no seu ombro, quase.

Era uma festa de despedida que o pessoal da escola havia montado para Reinaldo.

Sem graça, eu decidi ir, embora a gente pouco tivesse se falado durante aqueles meses depois daquele *quase* beijo.

Era o último semestre, e estava aquela loucura de vestibular, e Reinaldo estava treinando como nunca.

Confesso que eu sentia vontade de fugir dele. Tremia de nervoso quando o via e ficávamos nos entreolhando fixamente, numa emoção muda. Onde estava a nossa naturalidade, nossa espontaneidade? Por que a gente se olhava tão esquisito, por que meu peito ardia tanto e o amor que eu sentia sufocava na garganta?

E quando soube que ele iria embora, eu o motivei da melhor forma que pude.

Lembro da cara de cemitério que Reinaldo tinha quando me contou que conseguira ser chamado pela liga de basquete juvenil americano.

Gritei, pulei, comemorei que nem uma idiota.

E bati nele, é claro. Como assim ele estava infeliz? Como assim inseguro?

Por fim, ele passou a rir também, e tentei me mostrar feliz por sua felicidade.

Os amigos se alegravam pelos seus amigos, não? Ao menos me dizia aquilo, como um mantra, berrando mais que todos, para esconder aquilo que eu realmente sentia: uma imensa angústia.

Sim, eu deveria estar feliz, mas, Deus! Doía tanto!

Mas a verdade é quando cheguei em casa, percebendo que ele iria embora, e que nunca mais o veria, eu fui ao banheiro, e me agarrei na toalha, chorando tanto e tão descontroladamente que temi que minha mãe ouvisse meu choro que eu tentava sufocar no tecido.

— Rei, nunca mais vou ver você, nunca mais, meu amor... — soluçava em meio às lágrimas que caíam aos borbotões.

Foi assim por semanas, chorando no banho. Mas fui chorando cada vez mais baixo, e cada vez mais eu me sentia mais conformada.

Mas como era duro vê-lo na escola naqueles últimos dois meses desde que ele recebera a notícia que iria viver em outro país! Eu praticamente saía correndo quando o via, contudo, amava olhá-lo de costas.

Meu Deus, como a bunda dele era linda!

Fiquei mais magra, era difícil comer, e tentava me concentrar nos estudos, mas de repente, estava lá... Desenhando o seu nome, ou virando meu rosto na sala de aula, para vê-lo, lá atrás, onde ele sempre se sentava.

Sempre parávamos de sorrir quando nossos olhos se encontravam, enquanto eu ficava vermelha de tão sem jeito. Porém, quando nós nos falávamos, meu discurso era sempre o mesmo: *vai com tudo, agarre sua chance, seja um vencedor, é isso aí, grandão!*

Soube que ele e Natasha tinham terminado há um tempo, mas, pelo que ela estava falando há uns dias, eles tinham voltado, e Natasha e ele dariam um jeito de continuarem o namoro mesmo à distância, afinal, amavam-se muito e não poderiam viver um sem o outro.

Ouvi aquilo o dia inteiro no dia da festa de despedida, enquanto ajudei nos preparativos do clube que alugamos, fazendo um monte de sanduíches de metro para a despedida dele.

Confesso que morria de tristeza...Natasha era linda, mas era tão burrinha, e tão vulgar...

No fim do dia, já havia conseguido tomar banho, e comecei a me arrumar. Mariana, uma menina muito gentil, que adorava se maquiar, me emprestou um vestido lindo acima dos joelhos, de saia rodada, azul com decote princesa, e também um pequeno cinto que me deixou com uma cintura finíssima, especialmente agora que eu estava mais magra de tanta tristeza.

Ela também fez um *baby liss* rápido que deixou meu cabelo lindão e eu me maquiou pela primeira vez na vida, e calcei aqueles saltos dourados.

Senti-me pela primeira vez uma princesa. Realmente o resultado estava maravilhoso. Entendi pela primeira vez o poder da maquiagem.

Eu parecia uma outra pessoa no espelho, e estava retocando meu batom que ganhara de presente da Mariana junto de outras *makes*, quando Natasha apareceu lá, dando um suspiro longo enquanto passava rímel com seu ar arrogante no espelho.

— Ai, ai, estou tão feliz que Rei e eu voltamos! O amor sempre vence! Vencerá mesmo à distância! — comentou com aquela irritante voz empostada, empinando o nariz.

Fiz uma careta no espelho, que Natasha notou. *Ai, que menina entojada...*

— Ele não te contou? — ela perguntou, olhando-me de soslaio.

—Não — respondi, emburrada. — Mas você já contou isso o dia inteiro para todo mundo, ficou meio difícil não saber. — Dei um sorriso cínico e só pra não ficar por baixo, passei rímel também.

— Voltamos e foi lindo. Perdi minha virgindade com ele ontem à noite. Fizemos um pacto e vamos ficar noivos — falou sorridente, com ar vitorioso.

Quase enfiei o rímel no meu olho ao ouvir aquilo, ainda bem que era transparente e não borrou.

Quase tremi também, mas alguma coisa estava errada ali, e pus a mão no queixo, pensando.

— Mas você ano passado não disse que deu para uns 5 caras aqui da escola, Natasha? Não berrou isso para todo mundo?

Natasha me olhou boquiaberta, e algumas meninas que estavam atrás de nós se arrumando começaram a rir.

— Nunca disse isso, sua pirralha!

— Disse sim. Sempre foi uma oferecida! — Nem eu acreditava que estava enfrentando aquela ordinária. Talvez fosse o ciúme me corroendo.

— Não disse nada, mentirosa! E só não bato em você porque você parece uma formiga, sua tampinha ridícula!

Iria dar uma cabeçada nos peitos dela, mas alguém lá atrás gritou:

— Claro que disse, Natasha!

As meninas riram, e constatei que não precisava me rebaixar ao nível dela. Também não queria demonstrar o quanto estava morrendo de ciúmes.

— Eu menti sobre o ano passado! — Ela cruzou os braços. — Queria impressionar vocês, suas tontas. E é claro, vocês caíram. Acham que iria trocar a chance de ter minha primeira vez com um homem como Reinaldo para ficar com aqueles caras? Nem lembro quem eles eram!

— Eu lembro — acusei.

Natasha me devolveu um olhar odioso.

— Pois pode perguntar para Reinaldo, queridinha. Ainda estou assada de nossa primeira vez ontem. Ele é um animal simplesmente delicioso. Não que um dia você tenha chance de transar com um cara como ele, e com aquele dote...

Quase estava jogando meu estojo de maquiagem na cara daquela abusada, mas ela não diria aquilo se não fosse verdade.

Era bem típico dela se exhibir. Parecia crível que tivesse se guardado para Reinaldo, e sim, aquilo me despedaçava.

E eles eram namorados, afinal. Bem, mas que me importava a vida sexual deles? Eles se mereciam.

Foda-se. Resolvi sair dali.

Fui então para a festa, vendo o povo comendo meu pão de metro e ouvindo *trance*.

Era menor de idade e não bebia, mas percebi que Reinaldo estava já ali, e bebendo muito. De roupa social. Uma coisa linda de suspirar e que doía demais ver.

Por alguns momentos, enquanto vagava sozinha, sem jeito, tinha a impressão de que ele me olhava. Podia sentir aquele estremecimento quando sentimos que alguém nos observa fixamente pelas nossas costas.

Aliás, não sabia por que fui naquela festa idiota.

Por fim, notei que Rei ia começar a cantar para aqueles imbecis, e vi o quanto estava tão lindamente irresistível, com seu cabelo que estava ficando comprido, caindo sobre seus olhos tão sensuais.

Cada poro meu sentia a força daquele olhar, e eu ofegava.

Ao segurar o violão, aqueles olhos escuros de sobrelhas espessas e cerradas estavam sobre mim, brilhantes. Quando Rei começou a cantar, e sua voz rouca e melodiosa começou a ecoar, arrancando um estremecimento por toda minha pele, ele continuava a me olhar com uma intensidade que estava me dando palpitações.

Era estranho, mas Rei cantava, e me olhava, e me olhava...E eu não conseguia parar de olhá-lo. Ele me prendia, seduzindo com sua voz e o modo como me fitava, e eu me arrepiava cada vez mais.

Ele cantava Sam Smith, sem tirar seu olhar escuro de mim.

"Guess it's true

I'm not good at a one night stand

But I still need love

*'Cause I'm just a man
These nights never seem to
Go to plan
I don't want you to leave
Will you hold my hand?
Oh, won't you stay with me?
Cause you're all I need
This ain't love, it's clear to see
But darling, stay with me
Why am I so emotional?
No, it's not a good look
Gain some self control
And deep down, I know this never works
But you can lay with
me so it doesn't hurt*

*Acho que é verdade
Não sou bom em casos de uma noite só
Mas eu ainda preciso de amor
Pois sou apenas um homem
Parece que essas noites
Nunca vão de acordo com os planos
Eu não quero que você vá embora
Pode pegar a minha mão?*

Oh, por que você não fica comigo?

Pois você é tudo o que eu preciso

Isso não é amor, está bem claro

Mas amor, fique comigo

Por que estou tão emotivo?

Não, não dá pra ficar assim

Adquira algum auto-controle

E lá no fundo eu sei que isso nunca funciona

Mas você pode deitar aqui

comigo para que não doa

Sem mais poder suportar aquela sedução forte e insistente em sua voz e em seu olhar, temendo ter uma síncope, saí dali, unindo minhas mãos para que parassem de tremer.

Entrei numa pequena casinha em que se guardavam as ferramentas, e havia apenas a meia luz das janelas.

Estava ansiosa, perturbada, o coração batendo acelerado, tentando recuperar o ar, ainda ouvindo o barulho indistinguível das vozes da festa.

Fiquei lá pondo as mãos numa mesa, confusa, tentando assimilar o que estava passando, quando senti duas imensas mãos quentes em meus ombros nus, deslizando com delicadeza. Unhas roçando por meus ombros.

Um estremecimento percorreu minha espinha e emití um gemido pequeno de prazer.

— Raio... — a voz grave de Rei brincou em minha nuca, arrepiando-a. Podia sentir seu hálito quente e os ruídos masculinos de sua respiração. — Você está tão linda, tão linda... Não fuja de mim, não fuja mais... — murmurou com um tom que me esquentou por inteiro.

Prendi minha respiração, e senti meu coração descompassado enquanto fechava os olhos, ainda desacreditada do que estava acontecendo.

Seus lábios, de repente, brincaram na pele sensível de minha nuca, deslizando por ela, numa umidade sedosa e quente, e senti meus joelhos tremerem.

— Raio... Eu quero você... — Rei murmurou, e pude sentir o hálito com uísque.

— Rei... — sussurrei, fraca.

Mãos firmes e, surpreendentemente gentis, fizeram com que me virasse para ele. Tomada por uma sensação de sonho cálido, ergui meus olhos para Rei, que estava maravilhoso na semi escuridão com seus olhos densos e negros, enquanto senti suas mãos se guiarem até meu rosto, deixando uma trilha de calor e prazer.

Meu estômago se contraía, e algo chegava a doer entre minhas pernas.

Podia sentir sua cabeça descendo na penumbra, vindo até a mim. Sua boca se encontrou com a minha, roçando, sugando delicadamente. Surpreendida por aquela umidade deliciosa, e tão calorosa e macia, arquejei em seus lábios, e percebi que ele aproveitou a abertura para aprofundar o beijo, enquanto sentia suas mãos deslizarem por minha nuca, e acariciarem meus cabelos.

Sua boca tinha um forte sabor alcoólico, levemente doce, e evolava dele um aroma maravilhoso, único, masculino, enquanto seus lábios sugavam os meus, doces, famintos, e eu tentava corresponder.

— Aaah, *baby*... — ele gemia em minha boca.

Minhas mãos, que deveriam empurrá-lo, tocaram em sua camisa, e deslizaram por seu peito rígido. Meus dedos delicadamente exploraram seu tórax, numa curiosidade natural, enquanto sentia sua boca se movimentar sobre a minha, e tentava respirar, arfante, experimentando o prazer de sua língua adentrar minha boca, num assalto lúbrico.

Emiti barulhos de puro deleite feminino, e alguma coisa fez com que Rei grunhisse, como se algo poderoso e animalesco o possuísse, e sem que eu percebesse, eu já não tinha mais os pés no chão.

Ele entrelaçara minha cintura, erguendo-me, e no instante seguinte, ele me sentara na mesa, ali mesmo, no escuro, afastando minhas pernas e interpondo-se entre elas.

Mal podia respirar, tamanha minha excitação e loucura.

Estava fraca em seus braços, e me deixei dominar pelo seu desejo intenso e obscuro, e arfei, sentindo uma excitação me arrebatando, quando ele puxou meus cabelos, e fez com que eu erguesse mais minha cabeça, e ele mergulhou sua língua profundamente em minha boca, em movimentos eróticos, perturbadores.

Não estava com vergonha da minha inexperiência. Tentava imitar seus movimentos, naquela dança doce e erótica de línguas.

Minhas mãos deslizaram por suas costas, e o abracei, receptiva, sem pensar no que nos ocorria, com o tempo parecendo suspenso, e depois delirei com seus ombros fortes em meus dedos, sua nuca, a maciez de seus cabelos, que puxei como um sonho realizado.

Por fim Rei se afastou para beijar minha face, pressionando a boca na pulsação do meu pescoço, e beijando a pele delicada.

— Vou te dar o que você quer... Você precisa de um homem. Diga que me quer, Raio...E eu te darei... — murmurou, enquanto sua mão seguiu por minhas coxas, e senti que ele subia os dedos por elas, arrepiando-me, e as apertando com força.

A forma como ele falava aquilo, o modo como tocava meu corpo como se fosse um cão faminto, o hálito da embriaguez, tudo aquilo de repente me despertou de meu transe.

Rei estava bêbado. Rei ia embora para sempre. Rei estava passando dos limites, subindo seus dedos em minhas pernas e as abrindo eroticamente, quando eu apenas estava experimentando meu primeiro beijo e era sim, inocente. Rei tinha uma namorada. Rei desvirginara sua namorada há 24 horas.

Rei só estava querendo me comer, foi a conclusão furiosa a que cheguei.

Ouvi-lo gemer com um cão tarado enquanto me tratava como uma cadela no cio me fez empurrá-lo com todas as forças que tinha, e bati tão forte em seu rosto que senti minha mão doer.

Ele me olhou, parecendo atordoado, confuso, tocando seu rosto.

— Raio...

Apontei o dedo para ele, em fúria.

— Não faça isso comigo, não sou quem você está pensando e não vai conseguir comigo o que está pensando!

— Você não quer, Raio? Você não me quer? — perguntou, confuso.

O canalha estava bêbado e queria me comer. Só isso, como fizera com Natasha.

Eu o queria, mas não daquele jeito, naquelas circunstâncias. Mas não conseguia me explicar. Estava louca, transtornada, sentindo o calor do seu corpo no meu ainda, arrasada porque ele iria embora, as lágrimas já querendo explodir.

— Não! — Quase gritei, afastando-me, abalada, ficando de costas para ele.

Mas Rei então veio atrás de mim, pondo as mãos em meus ombros, e me virando, num gemido animalesco e sensual, ele tentou roubar um beijo novamente, e dei então outro tapa, dessa vez em seu peito.

— Quer me respeitar?

— Não consigo... Quero você... — falou, abaixando-se, tentando me beijar de novo, sua boca resvalando em minha bochecha, e me afastei mais uma vez, furiosa, e ao mesmo tempo, muito tentada a corresponder.

— Pare com isso, Rei! Você está bêbado. Controle-se!

— Sei que estou bêbado, mas é que... — falou, com voz apreensiva, e depois se calou.
— Você não me quer mesmo, Raio? — perguntou, e sua expressão estava sofrida.

Olhei para sua cara de sem vergonha. Já haviam me dito que homens ficavam assim quando queriam sexo. Dispostos a tudo. Lutei contra meu corpo que formigava de desejo, e lutei contra meu coração que disparava de paixão.

Deixar que ele me usasse e fosse embora, rindo de mim? Não.

— Não sou seu brinquedo!

— *Baby*, você não é um brinquedo... — ele disse, olhando-me intensamente.

Palhaço! Eu amava um palhaço! Um palhaço tarado com namorada!

— Então me deixa em paz, Rei! E não me siga! — exigi, disposta a ir embora, antes que eu me arrependesse de me jogar em seus braços e deixar que ele fizesse tudo o que queria comigo. A tentação estava grande demais.

E eu jamais me perdoaria.

— Adeus, grandão — disse, destruída, já chorando, ao sair.

— Raio! Espere! Não vá ainda!

Parei na porta para olhá-lo. Ele estava ofegante, com as mãos no bolso.

— Eu te ligo — falou.

Não respondi e saí, em disparada.

Só queria chegar em casa, e chorar. Desliguei o telefone, foda-se. Estava muito magoada. Só queria a minha cama, e quietude.

Na madrugada, ele mandou algumas mensagens para mim. Mas nem quis ver, queria dormir. Tarado.

Em 3 dias ele iria embora.

Na manhã seguinte, li alguns dos recados. Era algo sempre como :

“Raio, cadê você”. “Raio, responde”. “Raio, não faça isso comigo”. Raio, você é uma malvada”. “Raio, não consigo dormir, liga esse telefone”.

Vários assim. Os últimos eram:

“Me encontre hoje no clube às 21 horas, por favor, minha baixinha. Ainda estou com as chaves. Estará vazio, depois que a galera fizer a faxina de dia. Alugamos o fim de semana inteiro. Vem me ver Raio, preciso muito falar com você. É muito importante”.

A última mensagem era cerca de 9 da manhã:

“Diga que vem me ver, Raio. Estou ocupado agora, meus avós estão aqui para me ver, e estou com uma ressaca danada. Diga que vem me ver. Precisamos nos falar a sós, com intimidade, com calma, é muito importante”.

Mordi meus lábios, indecisa. Mas a verdade é que a curiosidade estava me matando, e laconicamente, apenas respondi:

“Sim”, e apertei em enviar. E desliguei meu celular em seguida. Não queria ele me enchendo durante o dia. Era muito difícil resistir ao carisma sexual de Reinaldo.

Tinha prometido ajudar à tarde na faxina do clube, para pagar mais barato o aluguel, e fui lá varrer mais que as outras como a boa trouxa que eu era. Mas pelo menos ia me distrair da minha dor e da minha ansiedade

Estava me perguntando se deveria mesmo ir, se não ia acabar no dia seguinte toda ardida e arregaçada pelos grandes dotes de Rei, e me culpando para sempre ao constatar que acabaria grávida e abandonada, como numa novela mexicana.

Jesus amado. Eu ia infartar. Era melhor varrer e passar pano em vez de pensar besteiras.

Foi quando Natasha chegou perto de mim com algumas garotas, para fofocar, enquanto eu catava latas de cerveja. Não pude não ouvir o que falavam. Estavam bem na minha orelha.

— Hoje à noite Rei e eu teremos um encontro aqui, sozinhos. A noite será nossa. Quero dar vários *rounds*... Comprei uma *lingerie* super especial para hoje à noite. Já falei com o zelador para nos deixar as sós...

Parei de catar minhas latas para ouvir melhor, e a encarei, mais magoada do que eu poderia suportar ao ouvir aquilo, querendo amassar sua cara em vez de amassar as latinhas.

Natasha ergueu uma sobrancelha, cruel.

— O que foi, querida? Não posso usar esse clube de motel com o meu amor hoje à noite? Não consegue conter sua inveja?

Louca de raiva, larguei as latinhas de cerveja do saco no chão, e derramei todo o conteúdo.

— Se vai usar o clube de motel, então limpe para não transar no lixão!

Não acreditava que Rei tivesse me feito de idiota mais uma vez!

Uma náusea passou a me tomar.

Estava determinada a ir embora, mas antes fui ao banheiro, para lavar minhas mãos e tentar controlar o choro, quando Natasha entrou, e ficou lá, recostada na parede, olhando-me desconfiada.

Tentei me recuperar de meu abalo e demonstrar alguma dignidade.

— Tampinha, Rei me contou sobre o que houve ontem. Ele me disse para pedir desculpas por ele ter beijado você. Ele não sabe o que deu nele, que foi uma loucura, estava bêbado, que você levasse na brincadeira...Disse que sente muito por ter brincando com seus sentimentos. Que você é uma boa amiga, que ele está se sentindo mal pelo acontecido. Sabe como é, homens bêbados fazem brincadeiras estúpidas...

Fiquei tão magoada, tão chocada de saber que Rei tinha contado para ela o que nos aconteceu, e ainda ter contado daquela forma, dizendo que era uma brincadeira...

Se Natasha queria vencer, ela havia conseguido. Eu estava arrasada.

— Reinaldo não me importa. E ele não é meu amigo! Não me importa nada! — berrei, cheia de revolta, querendo correr.

Só queria sair dali.

Mas era uma mentira que não me importava nada. Importava tudo, e doía como o inferno.

Eu não sabia por que ele tinha feito aquilo, e o odiei tanto, tanto...

Ele era a minha força, e agora, ele era a minha fraqueza...

Não fui vê-lo naquele dia, não queria ver Rei se desculpar ou brincar comigo. E deixei que o tempo tentasse matar tudo o que havia ocorrido entre nós, mas a verdade é que o tempo não matara nada.



CAPÍTULO 5

*E se nós reescrevêssemos as estrelas?
Dizer que você foi feito para ser meu
Nada poderia nos separar
Você seria aquela que eu deveria encontrar
Depende de você, e depende de mim
Ninguém pode nos dizer o que devemos ser
Então, por que não reescrevemos as estrelas?
Talvez o mundo pudesse ser nosso
Esta noite
Rewrite The Stars
(With Anne-Marie)
James Arthur*

DIAS ATUAIS

Agora estava ali, confusa, vendo Rei atordado, na minha frente, enquanto eu contava com alguns detalhes a conversa que tive com Natasha naquele banheiro, há seis anos.

Sua expressão enquanto me ouvia era realmente chocada, e estávamos sentados agora no sofá, tensos, tentando assimilar as informações e esclarecê-las.

— Que loucura... — ele murmurava de vez em quando, e eu constatava que havíamos passado por algum tipo grande de injustiça.

— Foi uma grande cilada dela, Rei... Infelizmente — lamentei.

— Meu Deus, Raio...Conversei com Natasha sim naqueles dias. Ela estava tentando fazer com que eu voltasse com ela, mas eu apenas a dispensei. Apenas isso. Várias vezes. Disse que não a queria mais e pronto, abri meu coração para ela, por respeito aos meses que ficamos juntos, embora eu nunca a tenha amado.

— Nunca a amou?

Ele negou com a cabeça.

— Não. Ela não significava nada. Era um passatempo. — Ele se voltou para mim, e me deu um olhar muito profundo que me estremeceu levemente. — Só amei uma vez na vida, Raio de Luar.

Corei fortemente, fugindo do seu olhar, e resolvi voltar ao assunto Natasha.

— Mas foi assim que aconteceu a conversa. E eu acreditei em tudo o que ela havia dito. Eu me sentia muito fraca, Rei. Eu estava muito abalada com a sua partida, e com aquele beijo que a gente deu na sua festa de despedida... Foi, foi muito forte para mim aquilo tudo — acabei confessando, e o fitei timidamente.

— Foi muito importante e muito forte para mim também — ele falou com aquele olhar tão intenso quanto determinado.

Sentia-me arrepiada.

— Achei que você só queria me comer porque estava bêbado, que queria me desvirginar como fez com Natasha e em seguida ir embora...

— Estava enganada, tão enganada, Raio... — murmurou num sorriso lamentoso, e o olhei, inquieta.

Sua expressão era sensual, ardente.

A nossa proximidade me inquietava, assim como falar do passado que nos unia, e estava entrelaçada naquela sensação íntima e ao mesmo tempo naquela eletricidade excitante que sua presença me dava.

Olhei-o com cuidado, de soslaio, e dei um sorriso sem graça.

— Foi o meu primeiro beijo, sabia? — confessei.

Ele continuava a me fitar misteriosamente.

— Foi o meu melhor beijo, sabia? Inesquecível. Confesso que desconfiei que era seu primeiro beijo, sim. E confesso que adoro ter a confirmação que fui seu primeiro— disse, curvando os lábios num sorriso irresistível, que me fez respirar mais fundo.

Não soube o que falar, mas estava totalmente sem ar.

— Você confia em mim, Raio? — Rei segurou minha mão, de repente, e fui obrigada a olhá-lo, quase trêmula. — Quer saber o que eu disse para Natasha naquele dia? Quer mesmo saber o que aconteceu?

Assenti, fazendo força para respirar, e percebi que ele engolia em seco.

— Falei que eu te amava, Raio de Luar. Que havia lutado por meses para entender o que eu sentia. — Segurou mais forte minha mão, tão possessivamente, e senti meus lábios tremerem e meus olhos lacrimejarem. — Que estava pensando em desistir de tudo, para ficar com você, porque a ideia de te perder estava me matando — sussurrou, com a voz rouca e embargada.

Baixei meus olhos e gemi baixinho, fazendo de tudo para não soluçar alto.

— *Oh, Baby....* Sim, eu estava louco por você. Eu te amava, Raio. Fui estúpido demorando para entender que você era muito mais que a minha melhor amiga. O quanto era viciado em estar com você, e como os dias eram simplesmente perfeitos com você. E não sabia como dizer o que sentia, era muito jovem e muito imbecil para entender algo tão profundo, e quando tive a notícia que ia embora, e confessei pra você, desesperado, você me mandou ir embora, Raio... Você até me bateu. Eu estava tão confuso sobre tudo, e fiquei arrasado quando você ficou feliz com a notícia de que eu ia partir ...

Apertei melhor suas mãos, agora, querendo confortar sua dor. Percebi que seus olhos se umedeciam também

— Ah, Rei... Só queria o melhor para você... Só isso— soluzei.

— O melhor para mim era você, Raio... — ele falou, muito emocionado.

Tomei ar, lutando para não me arrebentar de chorar.

— Se você tivesse ficado, seria um Zé Ruela, Rei — falei, fungando.

Ele sorriu, triste.

— Teria sido feliz.

— Teria sido um pobretão — brinquei, em meio às lágrimas, enquanto meu coração parecia errar as batidas.

— A gente ia ter nosso barraco juntos, muito felizes. — Ele gargalhou um pouco.

— Não, Rei. Você fez o certo em ir embora. Teria de ir. Você é *King of Magic*, Rei! Você é um astro! Comigo, seria um perdedor.

— Perdedor? — Ele jogou a cabeça para trás, numa risada triste. — Você era a minha jogada perfeita, Raio. Meu maior prêmio. Meu grande tesouro.

Sem poder resistir mais, eu me joguei em seus braços, abraçando-o, soluçando.

— Oh, Rei...Eu não imaginava nada disso...Eu amava tanto você... — soluzei em seu peito enquanto ele me embalava.

— Meu maior sonho era ouvir isso, Raio... Que você me amava...— falou, ainda me abraçando, confortando-me, dando-me beijinhos infinitos em meu rosto enquanto eu me acalmava em seu corpo e ele afagava minhas costas.

Rei parecia num silêncio pensativo, antes de falar:

— Eu só fiz merda, Raio.

Ergui meus olhos, e acariciei seus cabelos.

— Não, querido, você fez o que deveria ter feito naquelas circunstâncias — confortei-o.

— Era uma encruzilhada, Raio de Luar, e eu só tinha 19 anos, e queria dar o melhor para você. Pensei em algumas soluções, minha baixinha. Pensava e pensava. — Deu um sorriso que parecia infeliz, e então encostou sua testa na minha.

— Você não tinha escolha, Rei. Era só um garoto.

— Eu tinha, Raio. Queria ao menos naquele dia propor que você me esperasse...Que me esperasse até eu poder te buscar. Em um ano eu já podia ter te buscado, sabia? Queria você comigo.

Ergui meus olhos molhados para ele, sentindo meu peito arder de amor.

— Não vamos lamentar o passado, Rei — Inspirei, e enxuguei as lágrimas com os braços.

— Fiquei arrasado, Raio. Você ficou dizendo que não me queria no dia do beijo...Aquilo doeu...E depois você me deixou esperando...Você me nocauteou, sua tampinha linda — brincou, cheio de tristeza.

— Ah, Rei...Jamais imaginei algo assim, jamais — falei, acariciando seus cabelos.

Ele se calou um instante.

— Fiquei muito revoltado, Raio. Com muita raiva por ter sido rejeitado. Meu ego me cegou. Fui embora praguejando.

Rei então ergueu meu queixo com delicadeza, acariciando a pele sensível do meu rosto.

Olhava, apaixonada, para seu rosto devastadoramente bonito, agora tão perto.

— Queria te odiar...Te odiava e te odiava, e depois te amava... — murmurava, deslizando o dedo por minha face, com seu olhar ardente.

— Era como eu esse tempo todo, Rei — confessei. — Te amando e te odiando, achando que havia sido usada, abandonada. Fiquei destruída. E sabe o que mais me doía? — indaguei, profundamente emocionada. — Foi ter provado sua boca, foi ter sentido seu peito contra o meu, foi ter sentido o quanto seus cabelos eram macios atrás da sua nuca, e depois nunca mais poder tocar neles... —segredei , com a voz engolfada, tocando seus cabelos, bem ali, onde eu adorava.

Rei deu um pequeno sorriso, mas seu peito subia e descia, numa respiração pesada, e seus olhos se tonavam densos e eróticos...Ele passou então a acariciar meus lábios, com o olhar fixo em minha boca.

— Sinto muito pelo que passou, Raio... Mas sabe o que quero agora? — ele perguntou, aproximando seu rosto do meu, com seu belo olhar escuro debaixo daquelas sobrancelhas negras e seus cílios espessos me fazendo em chamas por dentro

— O quê?

— Te beijar novamente. Foi a mais doce lembrança da minha vida, e a mais triste também, porque não podia mais te beijar...

Lentamente, ele abaixou sua cabeça para me beijar, inclinando seu imenso corpo sobre meu, sua mão grande tocando meu pescoço, habilmente, enquanto a outra me tomou pela cintura.

Nossos lábios se tocaram. Uma, duas vezes...Ele lambeu com uma selvageria delicada minha boca, e antes que eu pudesse perceber, trouxe-me para seu colo no sofá, acomodando-me.

Uma expressão de choque me tomou quando percebi que uma grande e quente ereção estava entre suas pernas.

Ah, amor. Até nisso você tão grande! Será que cabe?, pensei.

Sentindo meu sexo pulsar, sentei nele devagar, bem em sua ereção, e percebi o quanto sua respiração ficou mais profunda, e que ele deu um pequeno sorriso de canto, com o olhar semicerrado, brilhando de desejo.

Algo muito poderoso tomou conta de mim naquele instante.

— Raio, quero você... Amo você...— ele murmurou, arquejante, tirando o cabelo do meu rosto.

— Amo você, grandão... — declarei, enquanto ele encostou seu nariz no meu, o que me fez fechar meus olhos, para senti-lo melhor. Seu corpo colado ao meu, seu sexo duro e imenso, sua respiração, seu hálito.

Ele. Rei, o meu amor. Meu homem. O melhor cheiro do mundo. Toda aquela masculinidade tão potente me levando à loucura, enchendo-me de paixão...

— Amo você, Rei... Meu amor...

Entrelacei sua nuca, e foi minha vez de me inclinar em direção a sua boca, sentindo sua mão grande e poderosa ir e vir em minha coluna, excitando-me.

Sua língua passou a deslizar dentro da minha boca, num beijo molhado e voluptuoso, enquanto sua mão adentrou por minha camiseta, tocando a pele excitada de minhas costas, percorrendo toda minha coluna arrepiada.

Abraçada a seu pescoço forte e sentindo seu membro duro e o calor convidativo e envolvente de seu corpo, eu gemia, movendo-me instintivamente em seu sexo, enquanto sentia o meu se encharcar. Nos beijávamos com loucura, e parecia que ele queria me possuir com sua boca.

— Meu grandão... — murmurei quando sua boca passou a lambar e morder meu pescoço, e eu estava fazendo movimentos cada vez mais eróticos em seu colo, sentindo meu sexo pulsar loucamente.

— Sabe o que mais gosto em você, Raio, é que você sempre me surpreende — falou sorrindo em minha pele, deixando uma trilha de beijos em meu maxilar até abocanhar

meus lábios.

Rei me tocava como uma fera faminta, com uma pegada firme, e emitia grunhidos contra minha pele que me enlouqueciam. Quando ele passou a apertar minha bunda com força, percebi que estávamos prestes a perder o controle.

Foi quando me dei conta de uma coisa, e interrompi nosso beijo.

— Pare!

Ele me olhou, franzindo o cenho.

— Por quê?

Apontei para a poltrona.

— Por causa dele. — Gato estava lá, olhando-nos, impassível. — Ele pode ficar traumatizado.

Rei deu um sorriso, e sua mão se moveu, maliciosa, por meus quadris.

— Então vamos para sua cama, *baby* — murmurou, e depois mordeu meus lábios, o que me fez palpitar por todo o corpo.

Reinaldo se levantou e o envolvi com as minhas pernas. Sem parar de nos beijarmos, fiquei lá, com minhas pernas ancoradas em sua cintura.

Meus seios roçavam em seu tórax, enrijecendo-se, e eu me excitava cada vez mais.

Dei um suspiro deliciado quando ele me jogou em minha cama, e nunca me senti tão abençoada por sempre ter adorado dormir em cama de casal.

Uma cama de solteiro jamais acomodaria o imenso corpo de Rei que agora estava ao meu lado.

Desesperada para senti-lo, vi-me levando minhas mãos para o seu corpo, e sentada, eu me apressei a tirar sua camisa, deslizando meus dedos por seu dorso perfeito, absolutamente forte e musculoso, e ele fechava os olhos enquanto eu o acariciava.

Não conseguia tirar meus olhos e minhas mãos daquele monumento vivo.

Um corpo atlético e majestoso.

— Rei, você é tão lindo... Você é um Rei. Você é meu rei.

— E você é a minha rainha, meu amor...

Toquei seu dorso, e passei a ponta da língua na sua pele levemente salgada, e ele arfou.

Foi quando me senti sendo virada de repente. Aquele homem lindo estava por cima de mim, apoiando-se com cuidado nos cotovelos.

Seus olhos estavam sensuais, observando-me. Rei por cima de mim, olhando-me daquele jeito, era a minha ruína.

— Linda, você me excita... Está me deixando doido. — Abaixou-se para me beijar.

Deixei que me despisse com suas mãos hábeis, enquanto ele beijava toda a pele sensível do meu colo.

Era uma visão maravilhosa ver meu corpo pequeno comparado ao seu, enquanto ele desenhava mapas ardentes de desejo em meu corpo com suas mãos.

Seus dedos longos me acariciando com devoção estavam me fazendo quase perder os sentidos.

Ergui-me um pouco para ajudá-lo a tirar meu *soutien* com cuidado.

Rei se calou um instante quando olhou meus seios. Era a primeira vez que estava sem *soutien* na frente de um homem, mas, estranhamente, eu não me sentia insegura.

Estava numa névoa de sonhos de amor e sedução em seus braços.

Seu olhar para meu busto era tão apreciativo, tão quente... E quase gritei quando ele simplesmente deitou sua cabeça com violência entre meus seios, agarrando-os enquanto os chupava. Puxei seus cabelos, desesperada, tentando controlar os espasmos de prazer que reverberavam em meu corpo.

Quando sua língua tocou meus mamilos, dei um pequeno grito. Uma pontada intensa em meu sexo deixou todo meu corpo derretido enquanto eu cravava as unhas em seus ombros fortes.

Meus seios eram grandes e percebi que ele praticamente os comia numa fome selvagem.

Gemia de prazer, impotente, até percebê-lo depositar beijos quentes em minha barriga que se contraía.

— Você é tão pequena, tão perfeita... Tenho tanto medo de te machucar... — sussurrou antes de lambar meu umbigo.

Aquilo me fez, arquejante, puxar sua cabeça para que me olhasse, embora ainda hesitasse em dizer sobre minha realidade.

— Rei... — falei, tentando esconder o que sentia ... — Também estou com medo, confesso. Vai ser a minha primeira vez.

Ele me olhou um tanto surpreso, travando sua respiração por um instante, mas um instante depois um sorriso satisfeito iluminou seu rosto, cheio de malícia.

— Vou ser cuidadoso, meu amor... Não se preocupe. E não nego que estou muito feliz de ser seu primeiro —tranquilizou-me, voltando a beijar minha barriga, indo em direção ao púbis molhado.

Ouvir aquilo me fez sorrir, apaixonada.

Deixei-o dobrar então minhas pernas, rendida, e sabia o que ele queria fazer, e estava louca para provar.

Suas narinas cheiravam agora meu sexo, e senti-o morder meu púbis, depois afastando a calcinha úmida e tocando meu centro com sua língua quente.

Gemi alto em seguida, trêmula, e depois ele tirou minha calcinha, e sem cerimônias, enterrou sua cabeça entre minhas pernas.

— Você é muito gostosa, aqui, Raio... quero comer com a boca sua boceta...

Ele começou a mover sua língua ardente em toda minha entrada e cobriu todo meu sexo com sua boca, enquanto me sugava e lambia.

Sua língua hábil rolava por meu clitóris, enlouquecendo-me enquanto eu revirava meus quadris, e sem que pudesse me conter, gozei em sua boca, tremendo.

Ele subiu então depois por meu corpo, e passou a me beijar selvagememente.

Sentia o gosto do meu sexo em sua boca, e aquilo era tão erótico.

Foi quando ele se ergueu, e fiquei completamente hipnotizada quando ele baixou suas calças, ficando gloriosamente nu de joelhos ao meu lado.

A visão de pernas longas, coxas poderosas, pênis imenso e muito duro me fizeram umedecer meus lábios de desejo.

Ergui-me um pouco, para poder tocar aquele membro enorme, digno de um rei. Toquei o comprimento, delicadamente, circundando-o, experimentando com o polegar a cabeça grande e melada.

— Ele é tão grande... — Olhei maravilhada, apreciando-o.

Ele sorriu, tirando minha mão. “Tem que caber”, pensei, olhando-o.

— E ele é seu e quer estar dentro de você... Ele quer estar agora mesmo.

Rei me empurrou abruptamente sobre a cama, e arfei, enquanto ele montava sobre mim, afastando minhas coxas, acomodando-se no meu entrepernas. Era a hora. Estava ansiosa para senti-lo dentro de mim.

Ele então se posicionou, e fechei os olhos, esperando que a dor viesse, enquanto ele deslizava sua glândula molhada em minha entrada.

— Vou por devagar, querida... — murmurou, num gemido de prazer.

Rei colocou apenas um pouco de sua enorme cabeça dentro de mim, forçando, e percebi que minha carne começava a esticar. No instante seguinte, ele forçara um tanto mais, e dei um pequeno urro de dor, segurando seus ombros, quando senti finalmente o membro enorme deslizar em minha cavidade, tomando posse.

Ele beijou minha testa, pacientemente.

— Sei que sou bem grande, querida... Me desculpe...

Abracei-o mais, querendo que ficasse, e aproximei mais meus quadris, enfrentando a dor, querendo que ele se enterrasse até o fundo dentro de mim.

Esperei que ele se acomodasse totalmente, porque a verdade é que queria sentir mais. Estava adorando seu pau enorme dentro de mim, molhado e quente. Era uma sensação única de me sentir preenchida com ele deitado nu sobre mim.

Como se fôssemos um só.

Rei beijou meus lábios trêmulos, e começou a se movimentar lentamente, remexendo seu quadril com o meu, e sentia minha vagina se expandir e relaxar, recebendo-o, enquanto era golpeada de prazer por seu membro que enfiava com cautela, mas fundo.

Passei a circundá-lo com minhas pernas, para receber melhor sua invasão deliciosa. Suas investidas agora estavam pesadas, e gemíamos enquanto nos beijávamos, e sentia cada vez mais o prazer crescer em meu baixo ventre a cada estocada firme que ele dava dentro de mim.

O prazer se espalhava, queimava, e joguei minha cabeça para trás, sentindo que não ia suportar mais.

— Como você é apertadinha...Que boceta gostosa, Raio... — ele murmurava, gemendo.

Senti minha vagina começar a se contrair de prazer, apertando seu pau, quando comecei a gozar, gemendo desamparada, abraçando-o. Um instante depois, Rei gemeu forte, parando, e senti grossos jatos de esperma dentro de mim, e em seguida deitou sua cabeça ao meu lado, descansando.

Como era maravilhoso senti-lo gozar em meu corpo.

Que momento intenso, mágico.

Abraçada a Rei, sentindo-o tomar fôlego por cima de mim, enquanto ouvia seu coração bater perto do meu, nada parecia mais terno, nada parecia mais certo.

Nossas batidas ressoando juntas eram como um só corpo e um só coração.

Eu nunca havia sido tão feliz em minha vida. Sorria, abobada, enquanto ele amolecia devagar dentro de mim.

— Baby, te amo... — ele disse em meu ouvido, baixinho, e me deu um beijo na orelha que me arrepiou.

— Te amo, te amo... — respondi, cheia de amor, abraçando-o com carinho.

— Te machuquei, amor? — ele perguntou, ainda suado, tomando ar, olhando-me preocupado. O cenho franzido.

— Claro, né, seu gigante aloprado! Você enfiou uns 30 cm em mim!

Um sorriso iluminou seu rosto.

— Foi quase isso — Riu, e percebi que se sentia orgulhoso de seus dotes, mas depois voltou a ter o semblante fechado. — Desculpe, baby.

— Não tem o que se desculpar, seu bobo. Foi muito bom, Rei... Foi MUITO mais que bom. Foi perto do céu... — expliquei, com ar sonhador, satisfeito.

Ele entrelaçou minha cintura, sorridente.

— Foi a melhor experiência da minha vida — falou, beijando -me suavemente.

— Foi a minha também...

— Quero repetir para sempre, Raio, quero ficar dentro de você para sempre... — disse, enquanto sentia seu pênis ganhar vida dentro de mim, novamente...

— Para sempre é uma ótima ideia... — concordei, recebendo seu beijo, profundamente...



CAPÍTULO FINAL

*Amigos, nós começamos como amigos
Amigos se transformaram em amantes
Você se lembra quando
Eu te abracei
muito pela primeira vez?
Me ame, isso é tão fácil menina
Para eu me expressar
Eu já disse:
Eu quero você,
Eu preciso de você
Oh garota, como eu penso em você
Você é a luz que sempre vi através de mim
E em você eu pude perceber
Que eu estarei para sempre ao seu lado
Agora, vemos que nosso amor cresceu
E esses foram os momentos mais doces
Que eu já conheci
E eu sei que isso nunca vai ter fim
Porque toda vez que eu olho pra você,
Eu me apaixono novamente
Forever by your side, The Manhattans*

Estávamos juntos debaixo do lençol, e eu fazia círculos no seu peito nu, ainda querendo tocá-lo para saber se aquilo não era uma mentira, se ele não iria embora.

Tínhamos passado o dia namorando, comendo gostosuras juntos, e transando devagar, já que eu estava realmente bem machucadinha, mas o prazer era muito maior. Estávamos tão felizes que o tempo parecia suspenso.

Olhando aquele homem lindo ao meu lado, dei uma mordida de fazer doer, de repente, em seu peito gostoso, e ele riu depois de gemer de dor.

— Mas que canibal faminta!

Gargalhei, deitando-me em seu peito e ele começou a acarinhar meu cabelo.

— É que parece um sonho, Rei! É tudo tão doido! O mundo está tão maluco com essa doença toda! Até o passado bate na minha porta!

— De pau duro por você! — ele brincou, e eu peguei o travesseiro e joguei nele.

— Seu tarado! — gargalhei mais ainda.

— Por você, só por você... — falou baixinho, estreitando-me em seus braços.

Mordisquei os lábios, insegura com a pergunta que eu iria fazer.

— Isso é sério? Só por mim?

— Sim, só por você — confirmou, sorrindo e suspirei.

— Faz com que me sinta tão especial, Rei — segredei, emocionada.

Ele me beijou na testa.

— Mas você é. Você é linda, é especial, é o meu amor.

Inspirei então, pois havia uma coisa que estava me incomodando, e sentia muito que precisava perguntar.

Algumas coisas queimavam ainda dentro de mim, além de minhas partes baixas. Eram dúvidas.

— Rei, por que veio agora? Só agora? Por que não antes? Por que não ligou?

Ele riu, e acariciou meus cabelos enquanto se explicava.

— Porque o mundo começou a se desfazer ao meu redor, Raio. — Ele se tornou pensativo. — Meu pai morreu também, há alguns meses, antes do coronavírus. Os jogos foram interrompidos. Pela primeira vez fiquei sozinho comigo mesmo, e sabe o que sentia? O horror. O horror de ser quem eu era, esse homem sem você. Esse homem que sempre te amou, tentando te esquecer, e não te tinha. Esse homem que entendeu que quando tudo estava desabando, o que o sustentava nesse mundo era você.

— Ah, Rei... — Acariciei seu rosto, cheia de compaixão e candura. — Eu sinto tanto. Ah, meu amor... Que coisa linda... Também me sinto vazia, me sinto nula sem você. Quando você me toca, todo o medo some, Rei...

— Sou detestável sem você, Raio. Eu me tornei uma máquina. *King of Magic* é uma máquina, e, quer saber? O rei está nu. Eu era só orgulho. Tem razão, Raio. Eu fui um covarde, eu não lutei por você. Eu me deixei cegar pelo orgulho, mas vi meu mundo acabando, e vi que não queria ficar nesse mundo se não fosse ao seu lado. Isso é sério. Eu precisava vir, e não pensei duas vezes. Tomei a decisão, e vim determinado a ter você. Dei um jeito de saber seu endereço, e vim correndo. Nem quis telefonar, porque não queria te dar chance de se negar a me ver.

— Que conspirador! — brinquei, cheia de paixão.

Rei, depois de sorrir, então fez um ar pesaroso, e seu polegar acariciou meu queixo.

— Vim tarde, Raio. Vim quando as coisas se tornaram difíceis, mas às vezes a gente precisa saber que perdemos tudo para nos encontrarmos. E eu descobri que sou o Rei da Raio. Um homem simples, que te ama — Ele sorriu, lindo. Tão lindo.

— Raio e Rei, a dupla caipira — brinquei, como nos velhos tempos.

— Sabe, Rei — prossegui. — Eu amei você esse tempo inteiro. E fui muito covarde e tonta também. A insegurança me cegou. Não te dei uma chance, não pedi explicações. Erramos, e pagamos um preço alto por isso. Por orgulho, perdemos tanto tempo... E sofremos. Mas não se arrependa do que você construiu, não desgoste de você. Você é um dos melhores jogadores de todos os tempos.

— Mas quero minha vida ao seu lado, Raio...

Porém, fiquei pensando que, em breve, Rei iria embora. A insegurança voltou a me assaltar, cruel.

Como teríamos uma vida juntos, vivendo tão distantes? Com vidas tão diferentes?

Uma onda de tristeza me invadiu, corroendo-me, e suspirei, infeliz, virando meu rosto.

Rei, parecendo perceber minha tristeza, ergueu me queixo e voltou a me fitar.

— O que houve, baby?

— Você vai ter de voltar, sua vida é lá fora... Seu lugar não é aqui. É um amor de tempos de Covid. Um amor de quarentena, Rei. Não é a realidade — falei, num suspiro.

Ele pareceu ficar bastante chateado, e crispou seu rosto.

— Ei, garota! O que pensa de mim?

— Nada, Rei. Você não é um criminoso por ter sua vida.

Ele me encarou, sério, e pronunciou aquelas palavras que me abalaram.

— Duvida de tudo, mas não duvida do meu amor.

Fitando-me profundamente, Rei começou a declamar, como eu havia feito, seis anos atrás.

“Duvida da luz dos astros,

De que o sol tenha calor,

Duvida até da verdade,

Mas confia em meu amor”

Senti meus olhos marejarem, emocionados. Ele sorriu, e segurou então minha mão, e a ficou a olhando, pegando no meu dedo anelar.

— Sabe o que significa esse trecho, Raio? Que amo você. Que isso é sério. Que quero por um anel de compromisso nesse seu dedo, e te roubar para mim, pra sempre.

Sorri, chorando.

— Seu bobo!

Ele beijou meu dedo anelar com carinho, e eu não podia conter meu coração que batia disparado.

— Quer namorar comigo?

Sorri, abobada, fechando os olhos.

— Sim. Mil vezes, sim.

Ficamos então abraçados na cama, rindo juntos, loucos de felicidade.

— Você é minha, Raio de Luar. E eu sou seu, e fique sabendo que, agora que é minha namorada, a gente vai se casar.

— Mas que conspirador louco que você é, Rei! — falei, batendo nele de brincadeira.

Ele me beijou devargazinho.

— Apenas quero uma vida ao seu lado, Raio. Sou muito feliz ao seu lado.

— Também sou muito feliz com você, Rei.

— Então diga que também vai se casar comigo, Raio de Luar.

Um sorriso de ternura varreu minha sanidade. Parecia um sonho ouvir aquilo.

— O que devo dizer? — perguntei.

— Sim, apenas diga que sim... — disse, com seu olhar que veria estrelas comigo, por toda nossa vida.

— Sim...

FIM

SOBRE A AUTORA

Christine King é profissional de letras e química, mas só agora está mostrando seus trabalhos escritos depois de muitos anos como leitora ávida e escritora ocasional. Continua uma amante do beletismo e deseja criar histórias que façam seus leitores suspirarem. Nada é mais precioso que criar emoções.

A autora é casada e ama sua família e deseja transmitir esse imenso amor em sua escrita.

Obrigada por ter me lido!

Sintam-se acolhidos em minhas redes sociais, será um prazer estar com vocês! Mais livros meus serão publicados! Deus os abençoe!

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/christinerking>

Facebook: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100007827589476>

Página do face: https://www.facebook.com/christinerking10/?ref=br_rs

Grupo no face:

https://www.facebook.com/groups/189314141845948/?ref=br_rs

Instagram: <https://www.instagram.com/christinerking10/>

Fã clube: https://www.instagram.com/fasda_christine_king/

E-mail para contato: christinerking10@gmail.com

CONHEÇA MEUS OUTROS LIVROS:

TÃO MINHA

Com 7 Milhões de leituras, fala do amor proibido entre um homem mais velho e uma adolescente.

https://www.amazon.com.br/T%C3%A3o-Minha-Duologia-parte-ebook/dp/B083NX8ZDQ/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=t%C3%A3o+minha+duologia+parte+1

Sinopse:

Um homem mais velho e uma menina num jogo de amor proibido.

Gianluca Tedesco era o objeto de desejo da adolescente Josephine. Era lindo, rico e um canalha, e Josephine achava que ele era o SEU canalha, enquanto ele a seduzia sem saber, com seu sorriso torto, seu melhor terno e seu corpo excitante.

Josephine era apenas a amiga de sua irmã, e quanto mais proibido Gianluca se mostrava, mais ela o queria.

Porque o proibido é mais gostoso, dizia Gianluca com seu olhar escuro e misterioso, enquanto o corpo de Josephine reagia, pedindo por ele.

Eles brincaram tanto de perigo, que um dia se queimaram.

Tempos depois, o destino diria se ainda haveria um futuro para eles.

Depois de se ferirem, ela

ainda seria tão sua?

Gianluca, porém, não tinha dúvida: ela seria sua.

Um romance ardente e sensual, com uma profunda aura romântica.

CONTEÚDO ADULTO

FINALMENTE MINHA

Parece que casamento é afrodisíaco...

No best seller Tão Minha, acompanhamos o amor proibido entre um belo e poderoso homem mais velho, Gianluca Tedesco, e a linda adolescente Josephine.

Em Finalmente Minha teremos a plenitude do amor de Gianluca e Josephine.

Finalmente, após tanta dor e obstáculos, Gianluca e Josephine terão a imensa alegria de se pertencerem.

Um livro que celebra o amor, a alegria e a vontade de construir uma vida juntos.

Finalmente, uma família!

"Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu; e ele descansa entre os lírios junto de mim"

Finalmente Minha é um bônus especial de Tão Minha, cheio de cenas quentes e também muito fofas.

CONTEÚDO ADULTO.

https://www.amazon.com.br/FINALMENTE-MINHA-DUOLOGIA-PARTE-ebook/dp/B0883GCX8S/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=finalmer
[1](#)

DANÇANDO PARA VOCÊ:

<https://www.amazon.com.br/Dan%C3%A7ando-para-voc%C3%AA-Christine-King-ebook/dp/B07JFJ85XV>

Com mais 10 milhões de leituras online, Dançando para você é um romance hot que torna os clichês repaginados e faz de sua leitura simplesmente inesquecível.

Tila é jovem, linda e livre. E virgem. Mas está cheia de problemas. E naquela noite ela só quer dançar, dançar, dançar. Problemas com homens? Não mesmo.

Steven Norwood é um poderoso CEO. Vaidoso, eficiente, pecaminosamente bonito. Um ruivão de tirar o fôlego. E ele só quer transar, transar, transar. Problemas com mulheres? Não mesmo.

Mas naquela longa noite em que eles se cruzam, uma atração explosiva acontece. Cada um duelará com o outro, entregando-se e resistindo.

Um bilionário enigmático e a virgem orgulhosa terão uma dança não só de corpos, mas de almas.

Aquela noite mudará o destino de ambos, para sempre. Ficarem juntos parece tão errado, que parece a coisa mais certa a se fazer.

Romance quente, sexy, divertido e bem-humorado. Para ficar nos corações.

Uma comédia romântica hot inovadora e diferente. Amor, humor e sensualidade.

IMPORTANTE: HÁ CENAS E PALAVRAS DE CONTEÚDO ADULTO

CHUVA DE AMOR

https://www.amazon.com.br/Chuva-Amor-amor-caindo-chuva-ebook/dp/B07RL321PT/ref=sr_1_3?gclid=1578380653&refinements=p_27%3AChristine+King&s=digital-text&sr=1-3&text=Christine+King

"Nada mataria o amor em seu coração de menina"

Chuva de Amor é um delicado e emocionante romance hot.

Aimée Cooper era uma linda jovem descendente de franceses, com o coração cheio de fervor e a alma em estado de graça, até que teve seu mundo destruído e sua vida quebrada.

Ela se tornara uma jovem frágil como vidro aprendendo a ser forte como rocha, enfrentando uma época que buscava renovação.

Ela não sabia se um dia encontraria seu príncipe como sonhava em sua infância, ou mesmo se seria capaz de amar e ser amada.

Ela não sabia se o misterioso e sensual Adam Page era talvez um príncipe versão quebrada, com um sedutor sorriso torto e usando palavras ousadas.

O misterioso sedutor Adam Page, por sua vez, não sabia se seria capaz de fazer a paixão irromper do coração gelado de Aimée, mas ele sabia que seus olhos guardavam um calor sem igual.

Chuva de amor é um romance arrebatador, forte e sensual, com um fundo histórico envolvente, que permeia toda a poderosa atração de dois amantes que se libertam da prisão da solidão nos braços um do outro

Uma história para se comover, sentir e torcer com todo vigor pela felicidade de seus protagonistas.

Para quem gosta de histórias poderosas, para quem conserva ainda a paixão em seus corações de menina.

"Um amor mais forte que a morte, mais eterno que o tempo".

NÃO ME DEIXES

https://www.amazon.com.br/N%C3%A3o-me-deixes-Christine-King-ebook/dp/B07H77VPY/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=n%C3%A3o+me+c
1

Julie, uma menina bonita e arrogante, quer a liberdade. Quer ser dona de si a qualquer preço, e nisso ela acaba tendo uma relação amorosa perigosa com o sensual Michel, que não é bem o príncipe encantado que ela imaginava.

Ela comete vários erros, e suas escolhas a afastam de sua família, e Julie vê sua vida se tornar um verdadeiro inferno. De repente, ela não era mais a princesa do seu pai, e sim uma prisioneira do sofrimento que ela mesma criou.

Mas ocorre uma chance dela se libertar, de amar novamente e se reconciliar com sua família. Ela será capaz de entender e receber a nova chance que a vida está lhe dando, será capaz de mudar e perdoar após tantos dissabores e tristezas? O quanto o amor do bonito e gentil Carlos poderá transformá-la?

Amor, paixão, drama, sabedoria. Um conto com perspectiva cristã sobre o valor do amor, do casamento, do perdão e da família.

A NOITE DOS AMANTES

https://www.amazon.com.br/Noite-dos-Amantes-escrito-estrelas-ebook/dp/B07TY9QW85/ref=sr_1_2?qid=1578380653&refinements=p_27%3AChristine+King&s=digital-text&sr=1-2&text=Christine+King

Um romance à moda antiga, com mais de 7 milhões de leituras.

UM CEO EM BUSCA DE SATISFAÇÃO, LOUCO DE DESEJO POR UMA MOÇA INOCENTE.

Tobias Spencer era um CEO mundano, profano e soberbo, exalando sexualidade em seu mundo sombrio, como um anjo sedutor decaído. No seu caminho, meio à neve, encontra Isabela. Uma moça suave e inocente, que lhe parece um anjo solitário em sua beleza desamparada. Vendo-a ali, ele quer toda sua doçura para si.

Resta saber se para pervertê-la ou para amá-la

A sedução da noite os toma, a sorte está lançada, mas talvez já esteja escrita nas estrelas,

Acaso ou predestinação? A Noite dos Amantes é um romance hot doce e intenso, com pitadas de humor, e com o natal ao fundo para inspirar e testemunhar esse encontro amoroso entre essas duas almas que como o sol, ao se verem, se iluminam.

Preparem-se para um romance romântico, doce e muito quente... Um hot docemente erótico.

— Tire sua roupa — ele exige, a voz enrouquecida. Os olhos famintos.

— Isso é uma ordem? — pergunto, num suspiro

— Sim, assim como você sabe que também vai obedecer”

MINHA DOCE MENINA

Descrição do produto (+18)

<https://www.amazon.com.br/Minha-Doce-Menina-J%C3%A9ssica-Larissa-ebook/dp/B082XLNLF8>

Sinopse:

Pode existir um milagre de natal?

Para o Bilionário Vincent Blackwell, sim.

No passado, o sorriso de uma menina no natal lhe deu forças quando ele mais precisava.

De forma inesperada, um anjo doce o salvou de todas formas que um homem pode ser salvo.

Agora, um homem duro de negócios, ele nunca deixou de se lembrar de quando era um garoto ferido que uma certa menina encantou.

Até que um novo milagre de natal acontece, e aquela menina agora em forma de uma linda mulher novamente reaparece em seu caminho, e ele não vai descansar até conquistá-la.

Escrito por Mellody Ryu, Christine King e Jéssica Larissa